

R.P.L.M. BARRIELLE CPCR – V.

**REGRAS
PARA O DISCERNIMENTO
DOS ESPÍRITOS**

*TOMADAS DO
LIVRO DE EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS
DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA*

R. P. L. M. BARRIELLE CPCR – V.

Regras para o discernimento dos espíritos, tiradas
do Livro de Exercícios Espirituais
de Santo Inácio de Loyola

Queda hecho el depósito que marca la Ley 11.723.

Todos los derechos reservados.

Copyright by Fundación San Pio X.

Buenos Aires, 1990.

IMPRESSO EN LA ARGENTINA

Oh, Imaculada! Oh, Imaculada! Oh, Imaculada!

Maximiliano Kolbe

Vinde, Espírito Santo, e enchei os corações dos vossos fiéis e
acendei neles o fogo do vosso Amor.

UTILIDADE
DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS
Entregues por Maria a Santo Inácio

*“...Santo Inácio aprendeu da mesma Mãe de Deus como
devia livrar as batalhas do Senhor.*

*Foi de suas mãos que ele recebeu código tão perfeito...
por isso, todo soldado de Cristo deve fazer uso deles...”*

S.S. Pio XI

PRÓLOGO

Há um estranho paradoxo entre o conteúdo deste trabalho e de seu expositor. Ou, seja, entre o tema aqui tratado e a forma como ele nos é transmitido. As severas REGRAS DE DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS são apresentadas em contraste com o espírito cordial quase divertido, se podemos dizer, com que o Pe. Barrielle nos apresenta ao explicá-las. O leitor nunca deixa de perceber a gravidade da questão — nada menos do que a salvação — sem deixar de desfrutar, às vezes, o estilo próprio do pregador. No entanto, vai tomando conhecimento do gigantesco embate de forças espirituais que disputam o tesouro mais precioso: a sua alma. De fato, é isto outro paradoxo e outro motivo para reflexão: anjos bons e maus combatem epicamente entre si por cada um de nós, tentando arrastar-nos para a glória ou para o terror eterno, valendo-se dos ardis e das artes da guerra. Uma guerra na qual somos saque para os demônios e reféns a ser resgatados para os Anjos Santos.

Conto de fadas? Não, absolutamente. Estas são verdadeiramente as realidades de cada dia, as quais não poucas vezes sequer percebemos. Disse S. Pedro que o demônio ronda como leão a rugir buscando a nos devorar. E nos encoraja a permanecer fortes na fé. São Paulo, por sua vez, utiliza também a alegoria das armas de

ataque e defesa para referir-se às virtudes cristãs. Por acaso a confirmação não nos torna **soldados** de Cristo?

Na guerra, além da força, é preciso astúcia, sobretudo se lidamos com um velho inimigo que é o próprio diabo. Pois bem, aqui são apresentados conselhos de grande eficácia para avaliar o que acontece em nosso espírito e de onde procedem as moções interiores. A inexperiência própria e a falta angustiosa de mestres espirituais versados para nos aconselharmos, às vezes, nos atrasam ou mesmo nos fazem abandonar a vida espiritual. Essas são algumas das armas prediletas do demônio.

Transitamos por um território ocupado pelo inimigo, uma selva em que as armadilhas para os incautos estão escondidas a cada passo. Alguns por seus escrúpulos, outros por suas iras; outros por seu orgulho ou suas paixões, (nem sempre inconfessáveis, mas de igual modo daninhas, porque se prendem às criaturas), ou por sua falta de decisão ou por sua pouca reflexão; quantas vezes pela imprudência com que levamos adiante nossos bons propósitos. Em todas partes o diabo tem armadilhas e junto a cada emboscada está o anjo bom para nos prever. Não é uma alegoria. É uma verdade de Fé. É uma realidade concretíssima. Ainda que não ouçamos o tinir do aço de suas espadas, eles lutam por nós. Ainda que não escutemos suas insinuações, eles não deixam de fazê-lo para nosso bem ou para nosso mal. As forças celestes se batem pelo homem, eis aqui a razão de sua verdadeira dignidade.

E como participa o homem neste épico? Deve tomar posição em um dos dois lados, não há neutralidade possível; e ao fazê-lo, o outro lançará toda sua ira (se opta pelo bem) ou sua amorosa persuasão (se erra para o mal). Nesta guerra não há espectadores, senão partícipes necessários. *“Quem te criou sem ti não te salvará sem ti”*, disse Santo Agostinho. É preciso combater.

“Como saber se o movimento que sinto em minha alma é de Deus ou do demônio? Existem regras”. Regras nas quais Santo Inácio decantou a estratégia de muitos séculos de batalhas entre anjos e demônios e muitos séculos de almas que optaram para o lado de Deus. O Pe. Barrielle no-las apresenta em síntese, com a perícia de velho pregador, com o humor dos espíritos finos, com a certeza didática do experimentado mestre espiritual. E as coisas estão ditas (apesar dos demônios) com graça e em agradável leitura.

A tristeza, as tribulações de consciência, os obstáculos, as perturbações, os falsos raciocínios, o desânimo. A consolação e a desolação espirituais, a regra de ouro da vida espiritual, o contra-ataque, como comportar-se ante as tentações, como distinguir os prodígios e falsas aparições dos verdadeiros milagres agraciados por Deus em alguns privilegiados para o bem das almas... etc, para não seguir enumerando, são alguns dos muitos temas tratados aqui. Temos aqui um manual de combate onde se vai direto ao ponto sobre como vencer as batalhas. Não há alma, noviça ou adiantada, que não possa utilizar-se dele.

Finalmente, esclarecemos que estas conferências foram gravadas ao vivo, em retiros pregados pelo Pe. Barrielle e levemente adaptadas pelo editor ao estilo escrito. Aqueles que conheceram este santo sacerdote dizem que essas adaptações são totalmente imperceptíveis, e, ao lê-las, não se perde a magnitude de sua graça. Tratamos de ser fiéis a esse estilo, eliminando somente redundâncias próprias do discurso oral e algumas referências circunstanciais que seriam incompreensíveis ao leitor. Mantivemos as que aludem a Chabeuil anotando que esse local, Sede Central dos Cooperadores de Cristo Rei, foi onde ocorreu o retiro e de onde se tomou esta gravação.

Estamos certos de que ninguém deixará de notar seu talento, de aproveitar seus conselhos, nem de desfrutar — como aqueles que preparam a edição — das coisas da Fé ditas sem altisonâncias, mas

com simplicidade, como os combates espirituais quotidianos, sem que por isso se perca seu sentido sagrado.

M.A.G.

I. REGRAS ELEMENTARES PARA O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

“A vida do homem sobre a terra é uma luta”, disse Jó. Devemos ter presente que essa luta deve ser contínua durante toda a vida. A dificuldade se encontra no fato de que, em nossos combates quando saímos em defesa de nossa alma contra os ataques do demônio, não se vê o inimigo (da mesma forma que nossos olhos não vêem os espíritos celestes enviados por Deus em nossa ajuda). Isto faz lembrar a cena narrada no Livro 2 de Reis. A cidade onde estava o profeta Eliseu se encontrava cercada pelos carros do rei da Síria com o propósito de caputar vivo o profeta e levá-lo ao rei; o criado do profeta se lamentava: “Ai! Meu senhor, que faremos?” Mas ele respondeu: “...os que estão conosco são em maior número dos que estão com eles”. E Eliseu se pôs a orar ao Senhor, dizendo: “Javé, abri-lhe os olhos, para que veja! E Javé abriu os olhos do criado e viu este que o monte estava cheio de cavalos atrelados a carros de fogo ao redor de Eliseu...” Nós devemos lutar da mesma maneira. Não vemos os que nos atacam, pois os demônios são espíritos, mas o Senhor nos confiou seus anjos e ainda que não os vejamos, sabemos que são em maior número e poder.

São Paulo, no último capítulo de sua Carta aos Efésios, escreveu: *“Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares. Tomai,*

portanto, a armadura de Deus, para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever”.

O demônio faz tudo o que está dentro de suas possibilidades para que não se creia nele, para que não se pense nele. Verdadeiramente, pode atuar com toda liberdade. Por isso há intentos de negação da existência dos anjos, que se repetem uma e outra vez nas sacristias, já que não havendo anjos, não haveria demônios. E, no entanto, os anjos, bons e maus, são tema desde o primeiro até o último capítulo da Bíblia. Mas não é suficiente crer que existem anjos e demônios. É preciso dar-se conta deles. Há um provérbio espanhol que diz: *“Chamam. Mas, quem estão chamando?”.*

Muitas pessoas não se dão conta do espírito que influi sobre elas.

— *Padre, sinto tédio!*

— *Não, senhor, você não está entendido. Isso não existe. O que tem é que o demônio anda rondando você.*

— *Não, Padre. O senhor vê o demônio em todas as partes. Sinto-me deprimido porque hoje não saiu o sol e quando o dia está cinza me sinto entendido. Isso é tudo. Isso não tem nada a ver com o diabo.*

— *Precisamente. Saiba você que o diabo recorrerá a tudo para tentá-lo. Ele se aproveitará mesmo de um dia cinza ou de uma indisposição. Mas saiba que você se sente com tédio porque é o diabo que o anda rondando. Tenha cuidado!*

Se vejo um jovem triste, eu não digo que ele pecou, eu digo “o demônio anda ao redor dele”. Cuidado!

Mas como saber?... **Existem regras, dadas pela Santíssima Virgem a Santo Inácio.**

Primeiramente é preciso distinguir muito bem o que é de Deus, a saber, do Espírito Santo, ou seja, que Deus atue diretamente

ou por meio de um anjo, de um pregador, de um bom exemplo, etc. Mas também, há o que vem do demônio, isto é, do espírito do mal, trata-se do demônio mesmo, de algum de seus sequeles, de um mau conselho ou exemplo, etc. Por último, estão os atos que procedem de nossa inteligência e de nossa vontade, cujos únicos responsáveis somos nós mesmos.

Quantos jovens se preocupam porque têm maus pensamentos! O fato de ter maus pensamentos não é pecado. É como assistir um filme, que o demônio projeta sobre nossas faculdades sensíveis, a imaginação, a memória, etc.

— *Mas são imagens tão baixas as que tenho!*

— *Não é você o ruim, é o demônio. Se você consente e encontra prazer nestes deleites, então você comete pecado porque o consentimento nasce de você. Disso, você é responsável. Se, pelo contrário, você reza e trata de afastar estas tentações, não só não peca, senão ganha méritos. Isso é de você, as imagens são do demônio.*

Uma santa religiosa, a Irmã Rajatella, escreveu de Barcelona a Santo Inácio que estava em Roma:

— *Padre, tenho maus pensamentos.*

Santo Inácio, que a conhecia muito bem, lhe respondeu:

— *Eu não me preocuparia tanto com os maus pensamentos que me envia o demônio e que rechaço, nem me orgulharia dos bons pensamentos que me envia meu Anjo bom e que não são meus.*

E o santo acrescenta:

— *São Pedro e São Paulo também tiveram maus pensamentos e nem por isso pecaram.*

São Paulo, no capítulo XII da 2ª Carta aos Coríntios, nos diz: “...foi-me dado um espinho na carne (*stimulus carnis*)... Três vezes roguei ao Senhor que o apartasse de mim”. Deus sabe quanto amava o Sagrado

Coração a Paulo! E qual foi a resposta? “*Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força*”. Logo, se São Pedro e São Paulo tiveram maus pensamentos, também nós os havemos de ter. **Este é o objetivo das regras de discernimento dos espíritos: determinar de quem procedem as moções interiores que afetam nosso espírito.**

A continuação, o subtítulo N.º 313 do Livro de Exercícios. O subtítulo contém por si só um grande princípio geral que podemos guardar na memória.

313. REGRAS PARA DE ALGUMA MANEIRA SENTIR E CONHECER (portanto haverá matizes a ressaltar) *AS VÁRIAS MOÇÕES QUE CAUSAM NA ALMA* (por exemplo, quero deixar a missão, repensar minhas resoluções, etc. Antes de atuar, cuidado! É Deus ou o demônio?)... *AS BOAS PARA RECEBER* (é preciso notar que se está seguro de que vem de Deus, não há dúvida para se fazer. O difícil será estar completamente seguros de que vem de Deus; por outro lado, é mais difícil saber que é de Deus), E *AS MÁS PARA LANÇAR*.

Temos aqui uma regra geral de importância capital: tão pronto como se saiba que vem do demônio, há que rechaçar sem duvidar. Meu mestre durante o noviciado, o Padre Tarradas, dizia: “*Com o demônio não se joga*”. Ele utilizava a expressão “*jogar com o demônio*” para referir-se ao feito de abrigar um pensamento que se sabe não está bem e que portanto é do demônio; o importante é permanecer com a vontade firme e não consentir ou permitir que mude ou volte a mudá-la; de ver o que há de bom ou agradável nela e manter-se firme em não ceder. Pobre daquele que aceita o diálogo com o demônio, pois este é mais astuto que nós! Eva sucumbiu porque ela “*jogou*” com o demônio. Depois de haver-lhe dito que Deus o tinha proibido, o demônio a assediava com novas razões. Em vez de cortar o diálogo, continuava a alegar:

— *Se comermos, morreremos.*

— Não, não morrerão, vocês serão como deuses, conhecedores do Bem e do Mal!

Ela discutiu e o demônio acabou por fazê-la sucumbir.

Um homem casado nos disse:

— Não, Padre, eu amo a minha esposa. É só para me divertir. Eu sonho... é tão somente um sonho: Fulanita estaria muito bem se eu me separasse de minha esposa. Padre, é tão somente uma espécie de diversão. Tranquelize-se.

— Senhor, você está jogando com o demônio. Inclusive, se isso que você diz que não sucederá jamais (e temos visto casos impossíveis que acontecem), o demônio já teria logrado provocar em você um desejo adúltero! Que grande vitória para ele!... Também já seria vitória se tão somente lograsse fazer diminuir a união que existe entre vocês... Que derrota para você!

Outro exemplo: um noviço, um seminarista... sonha em ter uma formosa garota loira, uma militante da Ação Católica... uma bela casa. Teriam uma família numerosa, muitos filhos. Participariam da Ação Católica..., etc.

— Cuidado! Está jogando com o demônio.

— Mas, Padre, é uma distração. O senhor sabe que eu amo minha vocação.

— Meu querido amigo, é o método do cinematógrafo do demônio. Se você aceita recorrer a este sonho agradável, você está perdido de antemão. Não se entretenha com esse tipo de jogos!

São Bernardo escreveu: *“Nemo repente fit pessimus”*, “ninguém faz o mal de repente”. Sabe-se algumas vezes de quedas de sacerdotes, de grandes cristãos exemplares, etc. Saibam que isto não aconteceu em um instante. Foi depois de jogarem com o demônio durante muito tempo.

II. REGRAS DA PRIMEIRA SEMANA

**OU SEJA, PARA TODOS: ALMAS PECADORAS OU
AVANÇADAS NOS CAMINHOS DA VIDA INTERIOR**

Como saber, então, se o movimento que sinto em minha alma é de Deus ou do demônio? Existem regras. Estas regras não são iguais para gente que vive atualmente em pecado como as almas que progridem na virtude.

Primeira Regra, N.º 314

314. Às pessoas que vão de pecado mortal em pecado mortal, costuma normalmente o inimigo propor-lhes prazeres aparentes, fazendo com que imaginem deleites e prazeres sensuais para que mais se conservem e cresçam nos seus vícios e pecados. Com tais pessoas o bom espírito usa de um método oposto: punge-lhes e remorde-lhes a consciência pela sindérese¹ da razão.

Assim, pois, com gente que vive em pecado mortal, o mau espírito enleia o pecador e o empurra mais e mais ao pecado. Faz-lhe que veja os prazeres mais vivos, os deleites mais sensíveis. Apresenta-lhe estes objetos de pecado como se fossem a maior felicidade para que se afunde mais e mais, e isto o faz com que tenha confiança e

¹ Faculdade natural de julgar com retidão.

felicidade, como se tratasse de coisa normal, indispensável. *“Todo o mundo faz”*.

O Anjo bom, pelo contrário, envia-lhe um dardo, um agulhão que o fere, que lhe impede de ficar tranquilo: são as censuras da razão. Mostra-lhe as consequências do pecado. O pecador se encontra em estado de condenação. Se seu carro bate contra um poste ou contra um muro, arrisca-se a passar do volante ao juízo de Deus e ao inferno. Isto é claro... indiscutível. O demônio, precisamente, faz que afaste estes pensamentos que tantas almas converteram.

Enquanto que, por outro lado, o demônio lhe diz:

— *Não, não te inquietes, Deus é muito bom! Todo o mundo faz isso. Olha ao teu redor, são apenas uns tontos que querem te amolar. Não vale a pena que comentes isso a teu confessor. Isso não lhe diz respeito. Deixa para confessares quando tiveres no leito de morte. Tens todo o tempo que desejares! És jovem, etc.*

Se você tem um amigo que se diz crente, não vá lhe dizer:

— *Tu és especial, estou seguro de que te salvarás! Deste uma generosa doação na quermesse dos bombeiros, és inteligente, leal, serviçal, etc.*

Não! Diga-lha a verdade!

— *Com a inteligência que Deus te deu, tu és o mais irracional de todos. Acabarás por condenar-te... tu te dizes leal? Não serás tanto! Se verdadeiramente o fosses, irias a Chabeuil fazer um retiro espiritual... Tu dizes benfeitor da humanidade? És um escândalo público! As crianças perdem a fé ao ver-te; prepara-te para prestar contas terríveis a Deus que te cumulou de dons e te pedirá contas..., etc.*

E, assim, aquele que confirma o pecador em seu pecado faz o jogo do demônio. Conheço pessoas que se salvaram porque um dia caíram com um confessor que lhes disse:

— *Se lhe dou a absolvição mas não está decidido a cortar com o pecado (onanismo, infanticídio, etc.), você comete sacrilégio e eu também... portanto, converta-se!*

— *Se morro, vou para o inferno?*

— *Se continuas neste estado, sim.*

— *Então, Padre, reconciliar-me-ei.*

A pessoa em questão voltou ao redil e celebrou suas páscoas, não no dia da Páscoa, senão em Pentecostes. Tinha quatro meninos, agora tem onze. Foi salvo por um confessor que seguia o jogo do Anjo bom.

Conheci um paroquiano que se converteu porque o cura havia anunciado, ao princípio da quaresma, que negaria absolvição na Páscoa a todos os homens que faltassem à missa dos domingos da quaresma. Tratava-se de uma aldeia muito cristã, segundo dizem, onde todos os homens celebravam a páscoa e assistiam a missa quatro vezes ao ano, não mais. Depois deste aviso, feito desde o púlpito, nada mudou. Mas no dia de Páscoa, nenhum dos homens comungou. Imaginem o ruído que isto causou na aldeia! Mas... a maioria comungou em Pentecostes; já não faltaram à missa, e todavia continuam assistindo. Um bom número dos restantes regressou, pouco a pouco, na ocasião das missões ou por alguma enfermidade. É o demônio que afirma que o pecado não é pecado. Cuidado!

O Anjo bom é o que nos diz “*as censuras da razão*”. Ele diz claramente do que se trata. Se vocês desejam converter alguém, não lhe dêem razões de antemão, por exemplo: “*Vá a Chabeuil a um retiro, ali se come bem*”. Digam-lhe: “*Se morreres neste instante, estarás preparado para apresentar-te diante de Deus? E então? Decidas rápido e faças um bom retiro, infeliz! É indispensável e urgente!*”.

O Padre Rootham disse que esta primeira regra se aplica também aos que sem estar em pecado mortal, são tíbios. Por

exemplo, esses cristãos, esses religiosos desleixados em não corrigir seus pecados veniais. O demônio os conserva em sua tibieza, muito perigosa para sua salvação. O Anjo bom lhes envia sérios avisos, é uma desgraça que não tirem proveito deles! Desta maneira é como se introduz a degradação em muitos conventos, o mesmo se dá nas famílias cristãs.

Segunda Regra, N.º 315

De que forma o mau espírito nos influencia? E como se comporta o bom Espírito com aqueles que trabalham valorosamente para corrigir seus pecados?

Os demônios, como os anjos bons, são espíritos puros, são podemos vê-los. Mas Deus não quis que os demônios, nossos inimigos, possam atacar-nos sem que contemos com um “*radar*” para detectá-los. Daí a importância dos exames de consciência. “*Vigiai e orai*”; disse e repetiu Jesus no Evangelho: “*Velai e orai*”. Infeliz do cristão que não esteja prevenido! O demônio se lançará em sua alma tanto quanto quiser; o homem não se dará conta de nada se não estiver alerta. Sem embargo, não basta vigiar. Qual é o sinal que me fará reconhecer que me encontro diante do espírito bom ou mal?

Santo Inácio nos dá seis indicações para reconhecer ao mal espírito que busca surpreender aqueles que vão de bem a melhor:

315. Nas pessoas que se vão purificando intensamente dos seus pecados e caminham no serviço de Deus nosso Senhor de bem a melhor, o bom e o mau espírito operam em sentido inverso ao da regra precedente. Porque neste caso é próprio do mau espírito causar tristeza e remorsos de consciência, levantar obstáculos e perturbá-las com falsas razões para as deter no seu progresso.

Temos, então, seis características ou seis sinais para descobrir o mal espírito:

1. A tristeza

“Um santo triste é um triste santo”, dizia São Francisco de Sales. O demônio é o eternamente triste... não pode desfazer-se de sua tristeza. Uma vez que se introduz em vocês, lhe comunica sua tristeza, ainda que não desejem. É tão forte que nas *“Regras para o discernimento dos espíritos da segunda semana”*, será quando o demônio mais se esforça por tentar a uma alma fervorosa, sob a aparência de tristeza da qual se sentirá invadido. Fulano sai contente do confessionário, de repente se sente triste. Que reconheça que é o demônio que se aproxima com sua tristeza!

Se me chega um jovem triste. Eu não diria que pecou, mas que o demônio o anda rondando. Cuidado com estas fantasias melancólicas! Não se sabe porquê, mas o demônio não anda longe!

2. As tribulações de consciência

O Padre Louis Lallemant, célebre jesuíta, dizia: *“Toda proposição condicional que causa tribulação, vem do demônio”*. (Uma proposição condicional que começa com um **se** ou uma expressão condicional: Quem sabe **se**...? Terei me confessado bem? Quem sabe... **se** tenho vocação,... **se** posso perseverar? etc.)

Uma tarde de sábado chega sua esposa e lhe diz:

— *Francisco, será que me confessei bem?... Poderei comungar amanhã?*

— *Por que? Escondeste expressamente um pecado mortal quando confessaste? (Quando você sabe que por nada neste mundo cometeria um pecado, nem venial).*

Responde-lhe você:

— *Tranquiliza-te, confessastes bem; podes comungar.*

— *Mas, como tu sabes?*

— *Segunda regra! É o demônio que te confunde e o demônio é um mentiroso. Se hovesse feito uma confissão sacrílega, o demônio te tranquilizaria enquanto que o Anjo bom te diria o porquê e em quê teria sido sacrílega tua confissão. Portanto, fica tranquila.*

Um seminarista se pergunta: “Terei eu vocação?” Este pensamento, tal qual, vem do demônio. O Anjo lhe diria por quê, e seria claro.

3. Os obstáculos

O demônio é muito bom para nos fazer acreditar que a prática da virtude é muito difícil; faz com que as dificuldades pareçam maiores. Quantas pessoas crêem que uma vida verdadeiramente cristã é impossível, que as dificuldades são insuperáveis para alcançar a salvação, para praticar a castidade do matrimônio! (Esse “*pânico*” de não ser como todo o mundo, que tanto tem levado bons cristãos a se desonrarem com essas modas impudicas, o “*pânico do bebê*” que tem empurrado a tantas mulheres, que se dizem católicas, a cometer infanticídios — esse crime que clama a vingança de Deus! — para privar-se desse tesouro eterno, esse gozo inegável para toda a família que é um bebê e que é ao mesmo tempo a salvação e felicidade de uma mulher. O demônio aumenta todas as dificuldades e ao mesmo tempo oculta tudo aquilo que torna fácil a vida cristã, os gozos eternos, etc.). Aquelas outras coisas parecem obstáculos insuperáveis!

4. A perturbação

“*Toda perturbação procede do demônio*”, dizia São João Berchmans, assim como o torpor e a emotividade são os meios pelos quais ele se serve. Algumas vezes na família o ar fica carregado. A esposa se irrita, os meninos estão particularmente insuportáveis, o marido dá coices em todo mundo. Saibam, é o demônio. Ele sai ganhando cada vez que isso acontece... dizem tonteiras, cometem

pecados mais ou menos graves ou mais ou menos numerosos. *Vigiai!* Oraí! Não diremos senão aquilo que se deve fazer quando os demônios andam por aí. É fundamental advertir as crianças sobre certas dissipações ou sentimentos de cólera ou de orgulho deles com que se serve o demônio...

5. Os falsos raciocínios

... são um sinal infalível do demônio. Devemos desconfiar muito de certas falsas teorias, de certos “*slogans*” que arrastam para numerosos pecados e com frequência para pecados graves contra a fé, contra a justiça ou contra a caridade. Por exemplo:

— *Quando os meninos forem grandes, eles mesmos escolherão sua religião.*

— *Desculpe, sabe você se viverão até lá? Não têm eles o direito de saber desde já que têm um Pai no céu?... de saber que têm um destino eterno? Que, acaso não têm um coraçãozinho capaz de praticar a virtude?... de amar o Bom Deus?*

O que vocês preconizam assim não é um ato de justiça, senão a mais horrível e criminosa das injustiças. Falsos raciocínios!

Do mesmo modo: “*Padre, teremos somente um filho, assim o educaremos melhor*”. Podem ter certeza de que **uma** criança não é melhor educada que doze. Em meu caso, todos os cascudos que recebi não foram de meu pai nem de minha mãe; foram de meus irmãos e de minhas irmãs, e isso ajuda muito na educação.

Também: “*Eu não pedi a Deus que me trouxesse ao mundo...*” que é a mesma coisa que dizer: “*eu não pedi aos meus pais que me trouxessem ao mundo*”. Além do que se trata de uma necessidade, de um orgulho insuportável, “*em que momento deve Deus dar permissão a você para lhe dar o ser?*”

Antes de sua concepção? ...quando você estava no seio de sua mãe? ...quando chupava o dedo? ...ou devia esperar quando completasse vinte e um anos de idade?”

Mas, nos dois casos há uma grave blasfêmia contra Deus, o Pai de todo bem. A vida é um bem. O destino eterno é um bem sobre todo o bem. Todos os meios que Deus perparou, desde a eternidade, para alcançar sua salvação! E seus pais, igualmente, só estão seguindo o plano de Deus... e você, que com tanto orgulho levanta essa pergunta, não está utilizando todos estes dons de Deus? E nem ao menos não Lhe dá graças? *“Ita ut sint inexcusabiles!”*, dizia São Paulo no primeiro capítulo de sua Carta aos Romanos, referindo-se àqueles que não querem dar graças a Deus e que, no entanto, tiram proveito desde o café com leite da manhã até a noite. Respiram o ar de Deus, bebem o leite de Deus, o vinho de Deus, a água de Deus, comem o pão de Deus, fumam o cigarrinho de Deus, etc.

6. O desânimo

Todo desânimo provém do demônio. Começaram bem e... de repente já não há ânimo; o demônio andou por aí. E o Anjo bom? O Anjo bom dá valor, dá paz, gozo, faz que tudo seja fácil.

Lembrem-se da tentativa de Santo Agostinho! Estava ele em seu jardim. Tinha trinta e dois anos, não havia sido batizado ainda. Agostinho levava uma vida dissoluta, convertera-se em maniqueu. Mas tinha uma mãe que era santa e que rezava por ele durante trinta e dois anos. Ela o havia seguido a Milão, onde o imperador o havia nomeado diretor do colégio imperial. Ali ela o havia apresentado a Santo Ambrósio e Santo Ambrósio não sentira pena alguma por mostrar ao homem diretor do colégio — muito inteligente e que gostava de escutar a Santo Ambrósio —, que se ele quisesse salvar-se, era preciso a todo custo decidir-se por se converter em cristão, ficasse longe da má vida que levava, que recebesse o batismo, etc. Inscreve-se, então, como catecúmeno. Devia ser batizado na Páscoa. Pensam vocês que

tudo pararia por aí? Santo Agostinho, em seu livro *Confissões*, relata-nos o que aconteceu. Estava em seu jardim e, de repente, ficou triste: “*Tu não és tonto, já reflectites bastante, és suficientemente leal?*” E ele verteu lágrimas, muitas lágrimas, sentindo necessidade de dar uns passos para poder respirar. “*Mas, é impossível!*” E se recordou de todas as antigas relações. “*Como farás sem nós? Agostinho, querido Agostinho! É impossível!*” Foi isto tão forte que Agostinho esteve a ponto de renunciar ao batismo e enviar uma nota ao arcebispo: “*Monsenhor, eu não estou preparado, superestimei minhas forças*”. Que vergonha! Mas o Anjo bom não abandona aos seus e enquanto passeava entre as arcadas teve uma ideia: “***Quid isti et istoe, cur non ego?***” Depois de tudo, se todos esses cristãos e cristãs conseguiram... por quê também eu não poderia? “*Pois bem, assim como eles, fugirei das más ocasiões, rezarei; se cair confessar-me-ei; comungarei, quanta felicidade!*” Este pensamento lhe deu paz e alegria: “*Na Páscoa, eu serei como minha mãe!*”

Notem bem, na primeira parte, os seis sinais do demônio: a tristeza, as tribulações de consciência, os obstáculos, a perturbação, os falsos raciocínios, o desânimo. Enquanto que na segunda, são a paz e a alegria. Observem, não é o azar, não foi dele mesmo de onde saiu a resolução de Santo Agostinho. Foi o Espírito Santo quem entrevistou.

315. (Cont.) ...e é próprio do bom espírito dar-lhes coragem, forças, consolações e lágrimas, inspirações e paz, facilitando-lhes o caminho e desembaraçando-o de todos os obstáculos, para as fazer avançar na prática do bem.

Da consolação e desolação espirituais

Terceira Regra, N.º 316

O objetivo é saber que fazer quando o inimigo está presente. Santo Inácio vai nos ensinar. Mas antes de indicar a conduta a seguir ante o esforço de aproximação do demônio, ou de um de seus ataques,

Santo Inácio, como bom escolástico, propõe definir as condições das quais se utilizará. O demônio, com efeito, com frequência chega a vencer as almas generosas simplesmente por uma falsa definição de consolação ou de uma desolação espiritual.

Muitos cristãos confundem desolação espiritual com progresso na santidade; assim como desolação como retrocesso. E não é assim.

Não creiam vocês que são mais santos porque têm consolações espirituais (depois de comungar nosso coração está cheio de bons pensamentos). Não cedam à crença de que retrocedem em sua santidade porque têm tentações, não importa quão más elas sejam.

Quantos choraram seus pecados em seu primeiro retiro e no segundo nos vem a dizer: *“Padre, perdi meu retiro, não o aproveitei como deveria. Estou árido... não consigo me inflamar de amor”*. Conheci grandes e generosas pessoas que fazem retiros e que se sentem duramente sacudidas interiormente a ponto de perguntarem se não perderam a fé.

Portanto, era precisamente um retiro onde Deus queria que saíssem de suas vidas ordinárias para fazê-los avançar em vias místicas mais elevadas. Assim que, prestem atenção às definições que lhes dá Santo Inácio.

316. ...DA CONSOLAÇÃO ESPIRITUAL: Chamo consolação quando na alma se produz alguma moção interior, pela qual ela vem a se inflamar no amor do seu Criador e Senhor e, conseqüentemente, quando a nenhuma coisa criada sobre a face da terra, pode amar em si, senão no Criador de todas elas. Do mesmo modo, quando derrama lágrimas que a movem ao amor do seu Senhor, seja pela dor dos seus pecados ou por causa da Paixão de Cristo nosso Senhor ou por outras coisas diretamente ordenadas ao serviço e louvor dEle. Finalmente, chamo consolação a todo aumento de esperança, fé e

caridade e a toda alegria interior que eleva e atrai a alma para as coisas celestiais e para sua salvação, tranquilizando-a e pacificando-a em seu Criador e Senhor².

Vejam vocês: o fato de chorar seus pecados, de chorar a Paixão de Jesus, Santo Inácio o chama consolação espiritual já que se trata de lágrimas de doçura. Mas não vão chegar à conclusão de que são mais santos por isso. Mas, se pelo contrário, vocês, apesar de suas súplicas, permanecem áridos como lenha no momento em que desejam chorar seus pecados, não concluem que suas orações fracassaram. Quanto desânimo nesse momento! O Padre Rodriguez cita aquele santo religioso que enquanto se punha a fazer oração, sentia-se imediatamente árido, como um graveto seco e não podia dirigir uma só palavra a Nosso Senhor. Contentava-se em dizer: *“Eu sou uma besta...”* Não pensem que perdeu seu tempo. Como tampouco o perdeu o pobre publicano do Evangelho que nem sequer se atrevia a levantar seus olhos ao céu e se contentava em dar golpes no peito dizendo: *“Tende piedade de mim, Senhor, porque sou um pobre pecador! Tende piedade de mim!”*, etc.

Quarta Regra, N.º 317

317. DA DESOLAÇÃO ESPIRITUAL: Chamo desolação todo o contrário da terceira regra: como escuridão da alma, perturbação, incitação a coisas baixas e terrenas, inquietação proveniente de várias agitações e tentações que levam à falta de fé, de esperança e de amor; achando-se a alma toda preguiçosa, tibia, triste e como se separada do seu Criador e Senhor.

² A consolação é um dom gratuito de Deus, mas nós o experimentamos através de seus efeitos.

Porque, assim como a consolação é contrária à desolação, assim os pensamentos provenientes da consolação são opostos aos provenientes da desolação.

Perdoem vocês a expressão um tanto infantil: “*Na consolação Deus dá açúcar. Na desolação nos faz trabalhar*”. Não creiam que no primeiro caso vocês sejam mais santos, e que no segundo são piores. Quanta gente se desanima porque se vê oprimida pelas tentações, tão vis como humilhantes. Mais adiante veremos o que se pode fazer nesse momento. Importa saber é de que nem por isso se retrocede, ao contrário, pode-se tomar daí o meio, a graça para avançar para a santidade. Santa Joana de Chantal esteve submetida muitos anos a terríveis tentações. Não tinha vontade de rezar. Assim que se punha a rezar experimentava um incrível tédio, sentia vontade sair do convento e regressar ao mundo para entregar-se a uma vida mais relaxada, mais mundana, inclusive corrupta. Duvidava se ainda conservava a fê.

Poderia ser, pensarão vocês, que ela estivesse retrocedendo na via da santificação?... Pelo contrário, foi durante esses anos que realizou maiores progressos na virtude e alcançou essa generosidade e fortaleza de espírito que jamais teria alcançado se Deus não houvesse feito passar por estas provas.

O Padre Vallet nos dizia: “*Existem muitas formas de aprender a boxear:*

1. “*Alguns treinam dando golpes com os punhos em sacos de areia. Ao fazê-lo seu esforço torna-se estéril.*
2. “*Outros se preparam dando golpes com os punhos em uma pera de couro. Com isso, vocês realizarão um maior avanço; pois é preciso desviar-se para os lados, do contrário corre-se o risco de ser atingidos no olho.*

3. “Mas o que você quer é se tornar um mestre de boxe e para conseguir isso é preciso exercitar-se com um treinador especialista no boxe. Nos primeiros dias o farão em pedaços mas, depois, por sua vez você terá se tornado um mestre”.

“Assim, acrescenta Padre Vallet, Deus permite aos demônios que venham tentar-nos com o fim de ajudar-nos a avançar rapidamente na santidade”. Mas não confundam as tentações com o relaxamento da santidade.

“Mas porque eras agradável ao Senhor, foi preciso que a tentação te provasse”, dizia o arcanjo Rafael a São Tobias, e São Tiago escreveu em sua Carta: “Feliz o homem que suporta a tentação. Porque, depois de sofrer a provação, receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam”.

E São Pedro disse: “Sede sóbrios e vigiai. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar. Resisti-lhe fortes na fé...”

Portanto, a desolação (e tudo o que há por trás deste estado de espírito: aridez, desânimo, problemas, provas, tentações de todas as classes) não os engane. É preciso passar por ela para chegar à santidade.

A representação gráfica que fez São João da Cruz

São João da Cruz, no início de sua obra *Subida ao Monte Carmelo*, na qual indica a ascensão da alma para a visão mística, quis fazer um pequeno esquema para ilustrar esta subida da alma.

1. Abaixo, à direita, um estreito caminho que sobe, desce, novamente, regressa e termina em um beco sem saída. Deste caminho São João da Cruz escreveu: “*Consolações humanas!*”

— *Eu gostaria muito de me santificar, mas gostaria que meus esforços fossem reconhecidos, que meus superiores me dessem mais incentivo, etc... não me sentir tão só... porque, se for assim, abandono tudo!*

— *Amigo, você se encontra em um caminho morto, jamais chegará à santidade.*

2. Outro, é um caminho separado que dá volta, regressa, sobe, desce, volta a subir e finalmente, termina no ponto de partida. Deste, São João escreveu: “*Consolações divinas*”.

— *Não, eu não busco consolações humanas, mas quando estou em oração ou quando comungo, gostaria de sentir alguma doçura, um pouco do amor de Deus, a felicidade de Sua presença, a dor de meus pecados, mas em vez disso, caio numa aridez; tenho, inclusive, tentações de que estou perdendo tempo, que devo deixar a oração.*

São Francisco de Sales disse: “*Não busqueis as consolações de Deus, senão ao Deus das consolações*”. Vocês jamais chegarão à santidade se continuam confundindo o progresso com a consolação espiritual.

3. Em meio do esquema (que ocupa quase toda a página), como o túnel de uma mina... estreito... todo negro... sobre o qual o santo escreveu cinco vezes “*nada, nada, nada, nada, nada!*”.

E este é o único, o único caminho para chegar lá em cima!

— *Mas, Padre, devo estar equivocado... eu preciso fazer alguma coisa a todo custo. Tenho tentações terríveis... não progrido! Se o senhor soubesse os sentimentos que nascem em meu coração... perco a fé... sinto desejos de cometer os mais terríveis pecados, etc.*

— *Coragem! Você está em bom caminho!*

— *Mas, não é possível! Minha mente está cheia de imagens impuras, de ódio. Até chego a pensar que já não mais creio em nada.*

— *Está em bom caminho, não desanime! Continue!*

Logo, ali no alto, o túnel da mina se alarga e se aclara; ainda que São João da Cruz tenha escrito: *“E ainda lá em cima, sempre nada!”* Outras classes de tentações muito diferentes. Um se sente tão longe de Deus! Tão ruim! Tão pecador! Outro quisera ser melhor e... não consegue!

Por fim, para baixo, estão as verdejantes pradarias do Monte Carmelo regadas pelos sete dons do Espírito Santo que produzem seus frutos!... Portanto, coragem! Que nada os detenha!

Que fazer então? Santo Inácio indicará:

Quinta Regra, N.º 318

318. No tempo da desolação não se deve fazer mudança alguma, mas permanecer firme e constante nos propósitos e determinações em que se estava no dia anterior a esta desolação, ou nas resoluções tomadas antes, no tempo da consolação. Porque, assim como na consolação é o bom espírito que nos guia e aconselha mais eficazmente, assim na desolação nos procura conduzir o mau espírito, sob cuja inspiração é impossível achar o caminho que nos leve a acertar.

Quantos erros terríveis são cometidos por haver ignorado ou esquecido esta quinta regra!

Em tempo de desolação nunca fazer mudança.

Por que? Porque nesse momento, é o demônio que inspira, pelo que então se vocês seguem o impulso do mau espírito, fazem o que ele quer. *“Normalmente*, disse Santo Inácio, *é Deus quem nos guia em tempo de consolação”*. *“Normalmente”*, porque já se verá que há falsas consolações e portanto, nesses casos, trata-se do demônio. Mas em

uma verdadeira consolação sempre é Deus quem move. No entanto, nas falsas consolações é mais fácil se equivocar.

Em uma desolação, ante um desejo de fazer o mal, é sempre o demônio que faz das suas (tenham em mente os seis sinais ou características de que falamos na Segunda Regra).

Quantas vocações são frustradas por ter-se esquecido a Quinta Regra!

— *Senhor Padre, o garoto já não quer voltar ao seminário. Portanto, ele não tem vocação, certo?*

Ah! Cuidado! Ter ou não vocação? Essa é outra questão. Mas, o que ele experimenta agora é um ataque do demônio. Não é o momento adequado para ele ir embora. O demônio exerce seu ofício; em alguns casos isso significa, inclusive, o sinal de uma grande vocação. Garoto, regresse ao seminário. Logo veremos depois.

— *Mas e se não tenho vocação?*

— *Daqui a um ou dois anos irás a Cheveuil para um retiro onde decidirás e lá, ante a indiferença inaciana, ou seja “Deus antes de tudo”, tu determinarás se Deus é quem te chama ou não. Mas, sobretudo, pelo momento, não mudes. Eu, o Padre Barrielle, aos 17 anos tive vontade de abandonar o sacerdócio. Afortunadamente meu confessor me disse: “espera!” E se não tivesse sido assim, hoje eu não estaria aqui.*

Quantos renunciaram a suas resoluções ante a primeira armadilha do demônio! E, então? O que fazer para não sucumbir? Pois bem, “*espera!*”

Sexta Regra, N.º 319

A regra de ouro da vida espiritual: o contra-ataque

319. Uma vez que na desolação não devemos mudar os primeiros propósitos, muito aproveita reagir intensamente contra a mesma desolação, por exemplo, insistindo mais na oração, na meditação, em examinar-se muito e em aplicar-se nalgum modo conveniente de fazer penitência.

Não somente há que mudar de resolução no momento de desolação, mas também não permanecer passivos e ficar assim... É necessário passar ao contra-ataque, do contrário, a torrente os arrastará. Lembremos o exemplo do seminarista tentado a sair do seminário.

— *Se vou lá para me aborrecer, vou para perder tempo, e isto será insuportável, etc.*

— *Não, não. Não tem que parar por aí. Tu podes ver que os falsos raciocínios são um sinal do demônio: “Perderás o tempo!” Não perderás o tempo, trabalharás. Tu mesmo, com teu trabalho e oração, poderás obter a salvação de muitas almas, mesmo se realmente não tenhas vocação ao sacerdócio e Deus te chama ao laicato. Podes trabalhar muito bem pela salvação das almas. O resto é um sinal do demônio. E se o demônio quer que saias do seminário, isso não é um sinal de que não há vocação. Não percas o tempo. Continua os estudos. Será o melhor seminarista. Praticarás bem os preceitos, comungarás todos os dias, abrirás tua consciência a teu diretor, serás generoso, farás sacrifícios, rezarás pelos pecadores...*

— *E se não tenho vocação?*

— *Bom, em um ou dois anos farás um retiro sério para que escolhas e então Deus te iluminará e te dará forças para não fazer tua vontade mas a*

vontade d'Ele. Mas, por enquanto, conduze-te como um bom seminarista e tende uma grande devoção à Virgem Maria. Trabalha duro!... Isto é o que chamo de contra-ataque.

O beato Pierre Fabre, sacerdote de Saboya, chegou a Paris para obter seu doutorado em teologia, em Sorbona. Como era pobre, alugou um quarto com outros três: Xavier, Inácio e ele. Ele era sacerdote, e sacerdote muito piedoso. Mas logo se deu conta de que Inácio, mais velho que ele e um simples leigo, adiantava-se nos caminhos da vida interior e lhe confessou um dia que tinha muitas tentações (acredita-se que eram tentações de sensualidade). Inácio lhe disse:

— *Eu vos ensinarei um segredo para que desvencilhes dessas tentações. E ao mesmo tempo, quanto mais tentações tendes, mais progridireis na santidade.*

— *Ensina-me vosso segredo!*

— *Bem, tão logo sintais tentado, multiplicai os atos da virtude contrária. Sois tentado pela gula? Jejuai! Sois tentado pela cólera? Permanecei em silêncio! A ira? Rezai pelo vosso inimigo! O orgulho? Humilhai-vos! Pela sensualidade? Fazei penitência!*

E assim, em muito pouco tempo, o Padre Fabre se converteu em um grande santo. Como vocês já sabem, foi ele quem melhor dava os Exercícios, segundo Santo Inácio. Foi ele quem celebrou a missa em Montmartre quando os primeiros jesuítas fizeram seus votos (ele era o único sacerdote, Santo Inácio todavia não era sacerdote).

Santo Inácio indica aqui, nesta Sexta Regra, quatro classes de contra-ataques muito simples:

1. A oração.
2. A meditação.
3. Os exames de consciências fervorosos (frequentemente o demônio nos faz crer que temos pecado quando não só

não consentimos, como também temos ganhado méritos ao resistir e, se faz falta, o exame nos dá confiança e nos faz que demos graças a Deus e que obtenhamos seu perdão pelo ato de contrição e os firmes propósitos).

4. Um pouco de penitência... Algumas pequenas penitências afastam o demônio, por exemplo, três Ave-Marias; por os dedos sob os joelhos enquanto permanecemos ajoelhados; rezar um Mistério do Rosário com os braços em cruz; não comer alguma guloseima. O demônio teme a isto. São Bento, um dia, teve uma tentação da carne terrível, da qual julgava não conseguir desfazer-se. Despojando-se de seu hábito, se lançou num arbusto de pungentes espinhos. O corpo se encheu de sangue, mas desapareceram todos os demônios. Temos aí um grande modelo de conduta para vencer ao demônio

Então,

Como comportar-se nas tentações?

Têm tentações? Rezem! Nesse momento, advirto a vocês, não é raro que o demônio tenha uma espécie de capricho e intensifique sua tentação:

— *É inútil! Irei te possuir uma vez mais... Cede e te deixarei tranquilo. É impossível que resistas a mim. Tu sabes muito bem disso!*

Não se deixem impressionar. O diabo é um embusteiro! É Jesus quem diz isso no Evangelho de São João. Vocês intensifiquem suas orações, que assim o demônio acabará por deixá-los. Se os tenta a noite toda, vocês rezem durante a noite toda. E se os faz cair, estejam decididos a continuar rezando. Em caso de necessidade acrescentem pequenas penitências, asperjam água benta, invoquem a Santíssima Virgem, “Maria, Terror do demônio”, a São José, a São Miguel Arcanjo, etc. Nesse momento, quando a queda parece inevitável, subitamente, a tentação passa. Já não sentirão mais nada... O que

aconteceu? O demônio, que não gosta de ser vencido, vendo-os decididos a rezar, vai embora sem dizer nada.

Acreditem na oração! Amigos meus, acreditem na oração! Jamais insistiremos o suficiente a esse respeito. Creiam na oração! Um cristão jamais diz: *“Hoje não há nada que fazer”*. Sempre permanece o grande remédio da oração que tudo pode. Toda a onipotência de Deus se põe assim em nossas mãos. No Evangelho se vê que Nosso Senhor teve um grande cuidado, o de ensinar aos seus a orar, mas sobretudo a **dar-lhes a virtude da fé na oração**. *“Pedi e se vos dará; batei e abrir-se-vos-á; buscai e encontrareis”*. E Ele disse isso de diferentes maneiras: *“Todo aquele que pede obtém; e ao que bate se lhe abre; e o que busca encontra”* (capítulos VII de São Mateus, XI de São Marcos, XI de São Lucas e XIV e ss. De São João).

“Se um filho pedir um pão, qual o pai entre vós que lhe dará uma pedra? Se ele pedir um peixe, acaso lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á porventura um escorpião? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem” (Lucas, XI).

E Jesus vai ainda mais além neste particular. Nós jamais teríamos ousado tanto. Recordem a parábola do amigo importuno: à meia-noite, recebe seu amigo que não havia comido nada depois da vigília. Todos os comércios estavam fechados. Vai e bate à porta de seu vizinho: *“Emprestai-me um pão”*. *“Não, estamos dormindo”*. *“Não, não estais dormindo”*. *“Estamos, sim, deixa-nos dormir!”* E continua chamando à porta. Por fim o vizinho abre a janela. *“Aqui tens o pão, deixa-nos dormir!”* E Jesus nos diz: *“Fazei assim também vós com vosso Pai Celestial”*. Concordem que jamais nos atreveríamos a dizer isso, nós não, e Ele o disse. E poderíamos continuar. A cada instante encontramos no Evangelho esta lição; até a última noite, depois da Ceia, Jesus lhes faz a seguinte censura: *“Até agora não haveis pedido nada. Pedi e recebereis. Tudo o que pedirdes a meu Pai em Meu nome, Ele vos concederá”*.

Confiemos na eficácia da oração!

Vocês conhecem a frase de Santo Afonso, que deveríamos deixar gravada nas mentes de nossas crianças: “*O que reza se salva, o que não reza, se condena!*” Quais de seus filhos vocês encontrarão no céu? Aos que rezaram. Como pode ser que, com a bondade infinita de Deus, haja quem se condene? É porque não querem rezar!

O que reza se salva, o que não reza se condena. E Santo Afonso acrescenta, nessa joia que é seu *Pequeno Tratado da Oração*: “*Todos os santos estão no céu porque rezaram muito. Seriam menos santos se rezassem menos, e não estariam no céu se não tivessem rezado...*”

Rezem ainda se se encontram no fundo do oceano e lá ninguém se lembrará de vocês. Orem!... Não sei como faria Deus mas eu sei que Ele viria em seu auxílio. Disse isto em um retiro em Chabeuil e ao sair da capela, um dos participantes me disse: “*Padre, isso que o senhor disse é verdade. Aconteceu comigo!*” E me explicou como, submerso em um lado de Auvernia (não sabia nadar e seus companheiros pensavam que havia se afogado), teve a ideia de rezar à Santíssima Virgem. Nesse momento, teve uma sensação de frio sob os pés, era uma pedra! Se encheu de coragem e agitou as pernas como pode e estes movimentos ocasionaram que na superfície agitasse a água. Seus companheiros que encontravam ali voltaram... e o resgataram. É certo!

Sobre este particular, permitam-me uma confidência em sentido inverso. Eu tive o maior castigo que um sacerdote pode ter na terra. Estive intimamente relacionado à apostasia de um número consideravelmente grande de irmãos seminaristas, religiosos e... sacerdotes! Bem, há algo que posso dizer, todos (com algumas exceções) tinham deixado de rezar. Alguns tinham deixado de rezar por zelo... “as almas requerem atenção”, etc. Outros, por preguiça, desânimo ou vergonha... Todos tinham parado de rezar! Nesse momento o demônio lhes endureceu e a catástrofe chegou. “**Nemo**

repente fit pessimus”, como diz São Bernardo, “*ninguém faz o mal de repente*”. Mas a primeira coisa que sempre faz o demônio é conseguir que alguém deixe de rezar. Não mais orações, leituras espirituais, rosários, exames de consciência, breviário, ações de graças, visitas ao Santíssimo Sacramento, confissões... missas (inclusive o sacrilégio, e isto é muito perigoso), não mais devoção a Maria, etc. Nesses momentos, estão maduros para a catástrofe.

Santo Afonso recomenda, já que Deus acolhe todas as orações, pedir todos os dias a graça de rezar sempre. Essa é a razão, entre outras, de que a devoção a Maria tem salvado a tantos pecadores. A menor oração, Deus a escuta. “*Si quis tristetur oret*”, disse São Tiago, “*se alguém está triste, que reze!*” “*Hoc genus demoniorum non eicitur, ieiunio et oratione*”, disse Jesus falando do jovem lunático, “*a este gênero de demônios, — o da impureza em particular, não se afugenta senão com o jejum e a oração*” e muitas vezes estas palavras de Jesus: “*Vigilate et orate*”, “*vigiai e orai*”.

Sétima Regra, N.º 320

320. Aquele que está em desolação considere como o Senhor, para o provar, o deixou entregue às suas potências naturais, a fim de resistir aos diversos impulsos e tentações do inimigo. Porque pode resistir-lhes com o auxílio divino, que nunca lhe falta, embora não o sinta distintamente, por lhe ter tirado o Senhor o seu muito fervor, o grande amor³ e graça intensa, restando-lhe contudo a graça suficiente para a salvação eterna.

³ O amor de Deus a nós permanece imenso, mas somos nós que não sentimos mais o fervor o amor e a graça.

Não pensemos que tudo está perdido porque o Senhor se esconde, como o Esposo do *Cântico dos Cânticos* que “*se esconde detrás do mandril e encontra prazer em fazer-se buscar pela esposa*”. Mas, lembrem-se, o Senhor não os deixará jamais sem graça suficiente. (Cuidado, trata-se de uma graça suficiente que baste, não deve necessariamente superabundar).

A tentação de Santa Catarina de Siena

Esta grande virgem mística, privilegiada, que continuamente tinha visões ou graças místicas muito elevadas, porque Deus assim o permitiu, encontra-se um dia na mais terrível das tentações (pois os demônios podem excitar nossos instintos; Deus assim o permite). Catarina rezava, suplicava a Deus para que não a abandonasse, jurava que ela preferia morrer que pecar. Mas os demônios lhe diziam:

— *É inútil, não poderás resistir... além do mais, já pecaste, e Deus te abandonou, etc.*

— *Oh, Senhor! Socorrei-me! Que eu morra ou sofra, não importa, qualquer coisa antes que ofender-Vos!*

Era diabólico. Mas, de repente, acabou-se a tentação! (Não esquecer que uma tentação não durará nem um minuto a mais do que Deus queira). E Nosso Senhor lhe apareceu. Então, habituada ao trato familiar, ela lhe faz uma suave censura:

— *Oh, meu bom Mestre, vós me abandonastes no momento mais terrível de minha vida!*

— *Mas, Catarina, eu não te abandonei!*

— *Então, onde estáveis, Senhor?*

— *Estava em teu coração.*

— *Em meu coração? Com todo o mal que havia nele?*

— *Tu consentiste?*

— *Oh, não Senhor! Vós sabeis, eu teria preferido sofrer não importa o quê, ou morrer...*

— *Pois bem, sabe que era Eu quem te sustinha e encontrava prazer ao ver tua fidelidade ante todos os demônios? Crês tu que Eu teria te abandonado?...*

Em nossas tentações, não esqueçamos jamais este exemplo tirado da vida desta grande santa.

Oitava Regra, N.º 321

321. O que está em desolação esforce-se por se manter na paciência, virtude oposta às aflições que lhe sobrevêm. E pense que bem depressa será consolado, empregando contra tal desolação as diligências explicadas na sexta regra.

Quando somos tentados, paciência! Paciência quer dizer sofrer e esperar... Mais ainda, confiança e esperança!

Não esqueçamos jamais que nossa Santa Religião é a Religião do *Pai Nosso*. Não esqueçamos as duas asas de que fala Santa Teresinha. Precisamos das duas: **a desconfiança em si mesmo e a confiança em Deus**. Com elas se sobe muito alto e não se arrisca nada. Vejam o que Jesus disse no Sermão da Montanha àqueles que temem por não ter o que comer ou o que vestir... (Mat. VI).

Santo Inácio também exorta as almas tentadas a se confiarem em Deus, já que depois da tentação logo virão doces consolações sempre e quando a alma se ocupe de observar a Sexta Regra, *“e que espere que logo será consolada”*. A Sexta Regra é a regra do contra-ataque, não esqueçam.

São Paulo, no capítulo X da 1.^a Carta aos Coríntios, diz-nos uma frase que deveria afastar de nós qualquer desalento: *“Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela”*. Eis porque, a propósito do martírio, Jesus evita que o consideremos antecipadamente e nos inquietemos, porque esse dia, se Deus nos chama para essa honra, teremos graças inesperadas. *“O Espírito Santo responderá por nós”*.

Nona Regra, N.º 322

Por que Deus permite as tentações?

Quando tivermos tentações, devemos nos perguntar por que nos está sendo dada esta prova. Desta maneira poderão progredir. Algumas vezes é nossa culpa, outras por motivos de ordem natural que não tínhamos como evitar. Algumas vezes, são graças de Deus das quais Ele tira proveito. Aqueles que nunca se examinaram se privaram de muitas graças para avançar na santidade. Vejamos, pois, a Nona Regra de Santo Inácio:

322. Três são as causas principais da desolação: Primeiramente, a nossa tibieza, preguiça e negligência nos exercícios de piedade afastam de nós, por culpa própria, a consolação espiritual. Em segundo lugar, para mostrar-nos quanto valem e até que ponto somos capazes de avançar no serviço e louvor de Deus, sem tanta recompensa de consolações e maiores graças. Em terceiro lugar, para nos ensinar e fazer conhecer em verdade, sentindo-o interiormente, que não depende de nós conseguir ou conservar uma grande devoção, um intenso amor, lágrimas, nem qualquer outra consolação espiritual, mas que tudo isso é um dom e uma graça de Deus

nosso Senhor. E também para que não façamos ninho em casa alheia, permitindo que o nosso espírito se exalte com qualquer movimento de orgulho ou vanglória, atribuindo-nos a nós os sentimentos da devoção ou os outros efeitos da consolação espiritual.

Três causas principais: isso quer dizer que existem outras. Por exemplo, podem ser “causas de ordem natural”.

Muitas pessoas se irritam facilmente porque não dormem o suficiente, isso é comum. Na França, uma superiora foi nomeada diretora de um pequeno hospital da capital de um cantão. Havia ali várias irmãs mas essas irmãs estavam o tempo todo irritadas, discutindo. Isso não se faz quando se é uma religiosa. E a superiora, que observava, percebeu que, por outro lado, eram filhas muito devotas, muito generosas, e se perguntava por quê. Acabou por compreender que o motivo de toda irritação estava no fato de que as irmãs não dormiam o suficiente. O sono fazia falta e estas irmãs, dando provas de sua generosidade tiravam tempo de suas horas de sono mas, ante a menor contrariedade, logo pulavam como tampa de champanhe. A superiora decidiu que deveriam dormir uma hora mais e lhes proibiu que velassem sem sua permissão. Depois de alguns dias, como algo extraordinário, aquelas irmãs já não discutiam mais. Novamente, o que fazia falta era pensar. Santa Teresa de Ávila, quando uma irmã vinha lhe dizer: “*Nossa Madre, tenho visões!*”, ela contestava: “*Bem, amanhã vamos tomar um bom caldo*”. Isso, dentro do quadro reformado do Carmelo, não se fazia nunca. Do mesmo modo ela aconselhou outra irmã que acreditava ter visões para que comesse um bom pedaço de carne. Santa Teresa lhes aconselhava também, em algumas ocasiões, um purgante! Para alguém que leva uma vida demasiado sedentária, a falta de circulação pode ser a causa de escrúpulos e problemas.

O Abade Timon David, fundador dos primeiros patronatos de obreiros, depois da Revolução Francesa, em um tratado admirável *De*

la confesión y de la dirección de jóvenes nos diz da necessidade de ocupar-se muito dos pequenos tuberculosos. Por quê? Perguntarão vocês. Porque se trata de um longo período em que terão terríveis tentações que lhes impedem a cura e passam a crer que logo irão para o inferno. O demônio é ruim. Mantê-los ocupados significa que tenham bons livros, que se lhes ensine a contemplar os mistérios do Santo Rosário, que se lhes diga que se cuidem na presença de Deus; que fujam das ilusões perigosas; que comunhem e se confessem com frequência. Assim a enfermidade os ajudará a realizar os planos de Deus, convertendo-os em santos. Mas todas essas causas de ordem natural se reduzem, no conjunto, a três causas principais.

1. Castigo

Vocês já devem ter se dado conta de que depois de haver passado duas horas na frente da televisão, ou simplesmente por haver omitido sua leitura espiritual à noite, na manhã seguinte haverá aridez na oração. Prestem atenção... e não comecem outra vez. Se não, Jesus irá embora. Trata-se de um grande castigo. Se vocês sentem tentações violentas depois de terem ido à praia ou de terem lido tal ou qual revista, ou visto um programa na televisão, ou por ter prolongado a sesta ou depois de ter comido ou bebido demasiados cafés, coquetéis, prestem atenção. É refletindo sobre essas coisas que se chega a uma canalização de uma vida interior séria. Quando rezarem o Rosário sintam vocês ou percebam se a família volta ao pecado. Informem de imediato...

2. A desolação ou a tentação podem muito bem não ser um castigo, mas uma ocasião para praticar as virtudes heroicas

Por exemplo, a tentação de São José, as tribulações da Sagrada Família, isso não era um castigo. Mas, mesmo assim foram terríveis!... de quantos exemplos heroicos estaríamos privados se a Sagrada Família não tivesse sofrido essas provas!

Santa Teresa do Menino Jesus, em seu leito de morte, teve tentações muito fortes contra a fé. *“Estou em um túnel...”* e dizia à sua irmã, a Madre Inês, e ela se esforçava em repetir, com uma fé invencível e sem sentir nada: *“Deus meu, te amo! Deus meu, te amo!”* Lembrem-se, não era um castigo: ela não tinha lido Sartre, nem Gide, nem a de Beauvoir, nem Sagan, nem nenhuma dessas porcarias. Deus queria que ela obtivesse méritos para fazer que caísse uma chuva de rosas mais abundante para a conversão dos não crentes, e então Ele permitiu que todos os demônios se lançassem contra ela.

Vocês mesmos terão que passar por certas provas para mercer, por exemplo, salvar um filho, um amigo, etc. Aceitando humilde e generosamente. Na véspera da conversão de um grande rufião, o Cura d’Ars experimentou furiosos ataques do demônio.

3. Uma lição

Estas provas podem ser uma lição. Todos nós nos inclinamos, em maior ou menor grau, a nos sentirmos satisfeitos a respeito de nós mesmos quando fizemos algum bem. E isso Deus não aceita. Nós tomamos o que é d’Ele. *“Não dou minha glória a nenhum outro”*, nos diz Deus por meio do profeta Isaías, capítulo XLII. E São Paulo escreveu na 1.ª Carta aos Coríntios: *“O que há de superior em ti? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?”* (ICor., IV,7).

— *Eu, eu sou o melhor paroquiano!*

— *E se tu não tivesses recebido essa graça, se tu não tivesse tido uma mãe ou um sacerdote como os teus, que terias sido?*

Queira o bom Deus que não caiamos neste erro!... Ele permite que tenhamos tentações que poderiam nos condenar para o fundo dos infernos. Depois disso não poderemos menosprezar a ninguém.

Humilhemo-nos e demos graças a Deus, mas, “*Vigilate et orate*”. Tudo deve servir para nossa santificação.

Décima e Décima Primeira Regras, N.º 323 e N.º 324

— *E quando tudo vai bem, que devo fazer?*

— *Bem! Devemos aproveitar para praticar a virtude, ganhar méritos. Quando vocês estão andando de bicicleta e o vento está a seu favor, aproveitam dele para avançar mais quilômetros. Quando o vento voltar a ficar contra terão ganhado, pelo menos, esses quilômetros.*

323. Quem está em consolação preveja como se há de portar no tempo de desolação, que depois virá, tomando novas forças para esse tempo.

Mas, sobretudo, façam atos de humildade! Não poucos... mas de tudo que puderem.

324. Quem está em consolação procure humilhar-se e abater-se tanto quanto possível, lembrando-se de quão pouco é capaz no tempo da desolação, quando privado dessa graça ou consolação. Pelo contrário, quem está desolado lembre-se que muito pode com a graça que lhe basta para resistir a todos os seus inimigos, procurando forças em seu Criador e Senhor⁴.

“*Tudo posso n’Aquele que me santifica*”, dizia São Paulo.

⁴ Nem a consolação, nem a desolação são estados definitivos aos quais nos possamos abandonar. Devemos sempre a respeito deles conservar um recuo que permita julgá-los e recolocá-los na trama de nossa experiência espiritual.

A venerável Marian d'Escobar, uma grande mística espanhola, estando um dia fazendo os Exercícios espirituais, segundo o método inaciano, foi visitada pelo arcanjo Gabriel que a felicitou por fazer estes Exercícios que Nossa Senhora mesma ensinara a Santo Inácio e acrescentou o Arcanjo: ***“Maria mesma, vivia segundo estas regras durante sua vida”***. Qualquer que não conheça a vida de Nossa Senhora, que não tenha meditado ou que não conheça os Exercícios, pode pensar que há algo de exagero, mas se observamos de perto, vê-se muito bem que esta era a forma de nossa bondosa Mãe conduzir-Se. Vê-La no episódio da Visitação; sua prima, sua prima anciã lhe diz: *“E de onde me vem, que a Mãe do meu Senhor venha a mim?”* E que faz Maria? Ela devolve a glória a Deus: *“Minha alma glorifica ao Senhor... porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo”* e Ela se humilha o mais que pode. *“Porque olhou para sua pobre serva”*, literalmente, sua escrava.

Tenhamos cuidado em fazer atos de humildade quando tudo vai bem. Quanto maiores forem as graças que recebemos, tanto mais devemos pedir humilhações, o terceiro modo de humildade... se não, nosso tesouro está perigo. Dele nos saciamos, não façamos conhecer a outros as graças que recebemos; senão, acontecerá conosco o que aconteceu com Ezequias. Ele havia ensinado seus tesouros, em Jerusalém, ao embaixador do rei da Síria, e Isaías lhe reprime por sua complacência e lhe diz: *“Infeliz! Ele mesmo virá e levará todos os teus tesouros”*.

Décima Segunda Regra, N.º 325

Esta é uma regra muito importante, porque complementa a Sexta Regra.

325. O inimigo procede como uma mulher, sendo fraco quando lhe resistimos, e forte no caso contrário. Pois é próprio da mulher, quando disputa

com algum homem, perder a coragem e pôr-se em fuga, quando este lhe resiste francamente. Pelo contrário, se o homem começa a temer e a recuar, crescem sem medida a cólera, a vingança e a ferocidade dela. Do mesmo modo, é próprio do inimigo enfraquecer-se e perder o ânimo, retirando suas tentações, quando a pessoa que se exercita nas coisas espirituais enfrenta sem medo as suas tentações, fazendo diametralmente o oposto. Ao invés, se a pessoa que se exercita começa a ter medo e a perder o ânimo ao sofrer tentações, não há animal tão feroz sobre a face da terra como o inimigo da natureza humana, na prossecução de sua perversa intenção com tão grande malícia.

O demônio se torna terrível quando vê que alguém tem uma dúvida. Por exemplo: um seminarista duvida diante das tentações com relação a sua vocação: *“E se eu deixar o seminário durante alguns meses? Teria experiência do mundo e assim, depois, seria mais forte”*. Ante a necessidade de boas razões, o demônio o ajudará; se duvida, está perdido. O demônio também lhe trará as maiores dificuldades, lhe fará pensar em uma situação agradável... na excepcional possibilidade de um matrimônio... nas fadigas da santidade, etc.

Lembremos o princípio do Padre Terradas: *“Com o demônio não se joga”*. Do mesmo modo, se vossa mulher começa a considerar se seus vestidos não poderiam ser um pouquinho, uma coisinha de nada mais curto... depois será imodesta como as outras. Também se os esposos, depois de várias disputas, começarem a se perguntar se não haveria razão suficiente para se divorciar, o demônio fará das suas, de uma maneira ou outra, porque se lhe fez o jogo. O mesmo acontece com as modas malthusianas. Se o demônio percebe que querem fazer “o que fazem os demais”, então este se desengatilhará.

Procurarão não cometer pecado, mas o demônio chegará a conduzi-los a uma vida de pecado.

Santo Agostinho tem uma frase célebre que resume o jogo do demônio: ***“Latrare potest, mordere non potest, nisi volentem”***; *“Pode ladrar, mas morder não pode, a menos que se queira deixar-se morder”*. Provavelmente vocês são da mesma opinião minha; se sai um cão furioso e se lança ladrando em cima de vocês, que fazer? Se correm, o cão os seguirá e os morderá. Que fazer então? Enfrentá-lo sem se perturbar, com a maior calma. Então, irritado de ver que vocês não lhe mostram medo, o cão baixa a cabeça, diminui o tom do latido e vai embora. Mas se vocês manifestam temor a tal ponto que se sintam fraquejar diante dele, ele se aproximará com fúria para mordê-los. Não esqueçamos, então, o princípio: ante a presença de uma tentação, não se perturbe; jamais comprometam suas resoluções. Não cedam, nem um poquinho, *“mas fazer, diz Santo Inácio, diametralmente o oposto ao que o demônio sugere”*. Rezem, multipliquem os atos de virtude contrários, etc.

São Vicente de Paulo se converteu em São Vicente de Paulo graças aos Exercícios que fez em 1611. Estes não eram muito conhecidos embora, mais tarde ele mesmo os propagaria a todas as missões. Ele mesmo os fazia duas vezes por ano, no período de quinze dias em cada ocasião. Foi salvo de uma tentação graças a esta regra. Havia, em Paris, um jovem professor de filosofia que estava a ponto de perder a fé. O abade Vicente pediu a Deus que afastasse as tentações do professor e as desse a ele. E lhe foi concedido! Contudo, mesmo sendo sacerdote e o santo que era, teve tentações contra a fé das mais terríveis possíveis. Essas tentações lhe sobrevinham a todo momento, celebrando a missa, pregando, rezando, ocupando-se dos pobres; todos os embustes que o demônio possa inventar contra a fé lhe vinham continuamente ao espírito. *“Tu não és fiel; Deus não existe; o Senhor não está na Eucaristia; o que relatas são contos”*. Que fazer? Deveria ele buscar seu livro de teologia para ver se havia estudado bem todas as

lições? Se o tivesse feito teria enlouquecido, pois o demônio é perverso. O que fez foi o seguinte: pôs em prática esta Décima Segunda Regra. Escreveu um ato de fé com inflamadas palavras, pedindo a Deus a graça de morrer mártir pela fé. Assinou seu escrito e o prendeu com um alfinete de maneira que ficava junto a seu coração e resolveu que cada vez que ele introduzisse a mão e a colocasse sobre seu coração, isso queria dizer que repetia a Deus sua oferenda de morrer mártir pela fé. Assim, em todo momento, dizendo missa, pregando, fazendo o bem, quando tinha estas tentações: “*não é certo, o que dizes é mentira, etc.*”, o que fazia São Vicente era por a mão sobre o coração, fazendo isso, milhares de vezes, um ato sublime, heroico. O demônio, vendo que todas estas tentações não o incitavam a pecar, pelo contrário, motivavam-no a realizar atos heroicos, acabou por deixá-lo. Não esqueçam esta regra, é capital nas tentações.

Décima Terceira Regra, N.º 326

O demônio assemelha-se a um sedutor: “*Não digas a teu pai; não digas a teu marido*”. Ao fazer o contrário o jogo fica suspenso de antemão. Também o demônio teme que descubram suas armadilhas ao confessor ou diretor espiritual, ou a um homem de Deus que conheça seus embustes.

326. Também age como um sedutor, em querer ficar oculto e não ser descoberto. Pois o homem corrupto, quando solicita por palavras para um fim mau a filha de um pai honrado ou a mulher de um bom marido, quer que suas palavras e insinuações fiquem em segredo. Ao contrário muito se descontenta, quando a filha revela ao pai ou a mulher ao marido suas palavras sedutoras e intenção depravada, pois facilmente conclui que não poderá levar a termo o empreendimento começado. Da mesma forma,

quando o inimigo da natureza humana apresenta suas astúcias e insinuações à alma justa, quer e deseja que sejam recebidas e guardadas em segredo. Mas, quando a pessoa tentada as descobre a seu bom confessor ou a outra pessoa espiritual, que conheça seus enganos e malícias, isso lhe causa grande pesar, porque conclui que não poderá realizar o mal que começara, uma vez que foram descobertos seus enganos evidentes.

Se esta alma revela tudo a um confessor ilustrado... Ressaltamos o epíteto porque, em nossos dias, sobretudo, pode-se encontrar confessores que não entendam nada de direção de almas. Outros, abusam de seu papel: São Paulo já se queixava disto a Timóteo (1.^a Carta a Timóteo, capítulo IV, e 2.^a Carta a Timóteo, capítulo III).

Teresa d'Ávila sofreu muito com confessores não ilustrados e escreveu em seu *Livro da Vida*, capítulo XIII: *“Assim importa muito que o mestre seja avisado — digo, de bom entendimento — e que tenha experiência. Se com isto tem letras, é grandíssima coisa... Digo que, para se render uma alma a estar de todo sujeita a um só mestre, erra muito se não procurar que seja tal como fica dito...”*

Santa Joana de Chantal se viu muito confusa por um complicado confessor capuchinho que a incentivou a fazer votos excêntricos e até proibidos. Deixou-a aterrorizada. Afortunadamente, um dia Joana encontrou-se com São Francisco de Sales. O nome do bispo de Genebra era conhecido, fora enviado pelo duque de Saboya como embaixador ante Henrique IV e ao passar por Dijón, o presidente do Parlamento, o Sr. Frémiot, visitou o bispo. No ano seguinte, o santo foi convidado a pregar a quaresma em Dijón. A senhora Frémiot, viúva de Chantal, filha do presidente, foi passar essa quaresma em casa de seu pai para aproveitar os ensinamentos do santo pregador. Teve assim ocasião de abrir-lhe o coração.

— *Monsenhor, tenho um confessor que não quer que eu consulte com nenhum outro... Cometeria pecado mortal se falasse com o senhor?*

— *Vamos, fale! Não tenhas medo...*

— *Pois ele me fez fazer o voto de nunca dirigir-me a outro sacerdote; não quer que faça nada sem antes dizer a ele, sem lhe pedir permissão. Disse-me que se consulto a outro cometo um pecado mortal. Faço mal em lhe dizer? Posso me condenar?*

— *Não, não. Fique tranquila, continue, continue...*

Por último, sorrindo-lhe, São Francisco de Sales lhe disse:

— *Mande seu confessor passear, ele não entende nada.*

Felizmente assim foi, porque do contrário, teríamos uma louca a mais e não teríamos mais uma santa.

Outro exemplo. Um dia, na casa de retiros de Chabeuil, um jovem veio a meu encontro no primeiro dia de retiro:

— *Padre, creio que devo ir embora. Vim em desobediência. Meu confessor não está a favor de Chabeuil. Proibiu-me de vir para cá.*

— *Por acaso você está doente dos nervos?*

— *Não, Padre!*

— *Então, seu confessor não tem direito de lhe proibir que venha a uma casa de retiros aprovada pelo Ordinário do lugar onde se dão os Exercícios aprovados por todos os Soberanos Pontífices, desde Paulo III até Pio XII (este episódio ocorreu na época desse papa). É um abuso de autoridade, você não tem porquê fazer o que seu confessor lhe diz.*

E o jovem fez um bom retiro. É necessário saber, também, que existe sempre o direito de mudar de médico, e, igualmente, de ir sem permissão procurar outro confessor.

Santa Teresa foi muito confundida por seus confessores que não entendiam nada destes casos de teologia mística. Recebeu muito consolo dos letrados dominicanos ou jesuítas que não eram seus confessores mas conheciam de teologia mística. Tranquilizaram-na ao dizer-lhe que suas visões e seus êxtases, suas orações, provinham de Deus.

Embora eu diga isso, não me entendam mal e pensem o contrário do que estou dizendo. Não ocultem nada a seu confessor ou diretor; enquanto o demônio encontre maiores razões para que não revelem algum detalhe, mais razões haverá para dizê-lo.

Conheço um caso de uma vocação que o demônio frustrou por haver calado um detalhe, um detalhe infantil que parecia sem importância. Se o jovem tivesse revelado esse detalhe, os planos do demônio teriam sido frustrados. Também, e de maneira muito particular, se o demônio os afasta de revelar um detalhe insignificante, descubram-no vocês. Digamos, por exemplo, que já haviam posto os tijolos para saltar o muro, que tinham seu retrato numa pasta, que lhe falava ao telefone todas as noites, que tinham guardado uma mecha de seus cabelos, etc.

— *Mas, eu não vou fazer isso! Vou remover os tijolos!... Não quero molestar meu confessor, está muito ocupado, ele iria rir de mim, etc.*

— *Não, vá e confesse tudo.*

Também pode-se consultar com um especialista, seja um velho sacerdote ou um missionário que conheça você de muito tempo, um velho pároco familiarizado com o estado da situação da família, um missionário ou um diretor de retiro que você frequentou muitas vezes. Mais que isso, vocês têm companheiros que jamais iriam procurar um sacerdote mas, em vez disso, viriam expor suas dificuldades a vocês, porque não têm o costume de ir a um clérigo. Não tenham dúvida de se colocarem à disposição e tratar de ajudá-los, abstenham-se de lhes dizer: “*Vou te levar a um sacerdote amigo que arranjará tudo isso facilmente...*”

Não te preocupes!”, e vocês levam a questão ao clérigo. Não esquecer nunca que o primeiro diretor de consciência de uma esposa é seu marido. São Paulo disse: *“As mulheres guardem silêncio nas assembleias... e se desejam consultar algo, perguntem a seus maridos em casa”*. Estas mulheres que são obstinadas e insuportáveis com seus maridos, privam-se de muitas graças; o mesmo se elas vão comungar todas as manhãs e passam uma hora no confessional cada semana. Pelo contrário, quantos esposos e esposas se ajudam mutuamente, rezam juntos e se consultam nos casos de escrúpulos e casos de consciência. Contudo, os Exercícios Espirituais se fazem melhor por separado. A sós, com Deus. O intercâmbio, indispensável entre esposos, deve-se fazer não durante o retiro; isto é um erro, mas depois, no lar. Quantas mulheres e quantos homens são convertidos por seu parceiro. Mas, repito, depois do retiro. Se não for assim, o retiro corre o risco de ser interrompido ou transformar-se em lua de mel...

Conservemos o costume de descobrir nossas tentações. Não é necessário pecar primeiro para falar com seu diretor (se tem a possibilidade de encontrar um como antes mencionado), ou ao menos com seu confessor habitual. Às vezes, somente o ato de revelar a tentação, afugenta ao tentador e seus embustes.

Décima Quarta Regra, N.º 237

327. Procede também como um caudilho, para vencer e roubar o que deseja. Pois assim como um capitão ou comandante de uma tropa, acampando e examinando as forças ou disposição de um castelo, ataca-o pelo lado mais fraco, da mesma maneira, o inimigo da natureza humana, rondando à volta de nós, observa de todos os lados nossas virtudes teológicas, cardeais e morais. Onde nos encontra mais

fracos e mais necessitados quanto à nossa salvação eterna, por ali nos combate e procura tomar-nos.

Um líder militar que deseja tomar uma cidade envia espões para ver por onde atacará. Pelo ponto mais fraco e menos fortificado. O mesmo fará o demônio; *“ronda à nossa volta”*, disse São Paulo, vê nossos pontos fracos. Por onde atacará? Podemos saber de antemão.

Você gosta de comida ou... bebida ou... o ócio ou... de elogios... são imprudentes, lêem o que aparece... não vigiam o trato com os outros, etc. Quantas catástrofes começam por pequenas imprudências!

Conheço pessoas cheias de qualidades e virtudes pouco comuns. Não tinham senão um único e pequenino defeito. Eram um pouco suscetíveis. Um dia, seu pároco, com razão ou sem ela, lhes chama atenção. Retiram-se por completo, e também abandonam a prática de sua religião! Poderoso assim é o diabo! Quanto se vê a tantos sacerdotes, religiosos, cristãos muito avançados na vida interior, que não avançam e... retrocedem, geralmente, de onde vem isso? De uma grande dificuldade? Não. Existe uma pequena brecha desordenada, de gula ou, com muita frequência, de respeito humano, esse maldito respeito humano que é fonte de retrocessos e de que tanta gente se condene, também entre os eclesiásticos... O medo de sorrir a um irmão!...

E perdemos a santidade por esta ninharia ainda que se tenha valor para os grandes sacrifícios! O médico do convento de Barcelona dizia ao Padre Vallet: *“Não entendo. Aqui estão moças que deixaram suas fortunas e castelos, etc., e que se apegam a uma pequena imagem ou se ofendem diante de uma pequena censura.”* E é isto o que impede a santidade!

O Padre Vallet nos dizia: *“Rogo-vos, em nome de Deus, que vejais quais são vossos pecados mais frequentes. É a partir daí que o demônio vos tentará!”*

Regra esta que acabamos de ver, sempre atual... mas sobretudo no retiro, no momento em que irão tomar as resoluções.

III. REGRAS DA SEGUNDA SEMANA

OUTRAS REGRAS QUE TRATAM MAIS A FUNDO A MESMA MATÉRIA DO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Aplicam-se, sobretudo, à segunda semana. As regras para o discernimento dos espíritos da primeira semana são regras básicas para todos: pecadores, principiantes, almas avançadas. Mas normalmente, com as almas avançadas nos caminhos da vida interior, o demônio as influencia de outra maneira mais sutil. É então quando fica mais difícil frustrar os planos do demônio porque, em geral, tinha as almas sob a aparência de bem. Já não lhes propõe fazer o mal, propõe-lhes que façam o bem! Existe o direito de recusar-se a fazer o bem? Não se trataria de pulsilanimidade? De covardia?... e, contudo, quantas almas, quantos apóstolos zelosos, quantas obras importantíssimas têm caído por terra por boas razões habilmente apresentadas por este sedutor transformado em “anjo de luz”.

Estas regras seriam úteis a todas as almas generosas, estejam ou não no caminho da vida ascética (ascese quer dizer combate. A vida ascética é o caminho daqueles que, com a ajuda do Espírito Santo, sempre indispensável para mover-se sobrenaturalmente, vivem na vida ordinária das virtudes cristãs).

No entanto, estas regras são de maior utilidade para aqueles que Deus já elevou à via mística (onde Deus conduz a alma totalmente entregue a Ele, mais pelos dons do Espírito Santo que pelos combates ordinários). Estas regras, também, úteis em casos místicos, milagrosos, visões, estados místicos, êxtases (que não são tanto sinais

de santidade, pois “do contrário, dizia com humor São Boaventura, haveria que dizer que Balaão era um santo, e seu burrico também”, senão que são sinais que Deus dá para o bem das pessoas). Estados milagrosos que não devemos desejar porque logo são acompanhados de terríveis provas e também porque, se a alma não está desapegada de tudo, estas graças podem fazer-lhe mal. O Padre Vallet dizia: *“Todos somos chamados à união mística ordinária, onde o Espírito Santo nos conduza através de seus dons, mas não todos são chamados à união mística milagrosa. E se bem Deus chega a chamar alguns, este deve aceitar humildemente e com grande felicidade”*.

Trata-se de uma vida ascética ou vida mística, de união mística ordinária ou via extraordinária, visões, êxtases, etc., estas regras, às quais devemos prestar atenção, podem ajudar muitas almas a que permaneçam tranquilas, ou a frustrar as ciladas do demônio. Razão maior para meditar as mencionadas regras da segunda semana. Com frequência se fala ligeiramente das graças “**gratias datae**” (êxtases, milagres, visões, etc) em um ou outro sentido. Os eclesiásticos e as pessoas doutas tendem a negá-las, ou zombar (frequentemente para evitar a simples vergonha de passar por crédulos). Outros correm à busca do maravilhoso e imaginam que a Virgem Santíssima vai trazer algo novo que a Igreja não tenha recebido já de seu divino Filho, como se a Revelação não houvesse terminado com a morte do último dos apóstolos...

Gerson, o sábio, se divertia das visões de Santa Catarina de Siena e queria que o concílio de Constanza condenasse todas suas revelações e visões e ordenara que não mais se falasse a respeito dela. No tempo de Santa Teresa, todas as pessoas doutas de Ávila se reuniram para discutir suas visões e concluíram unanimemente que seus favores não eram de Deus. Também lhe enviaram uma delegação para lhe notificar que estava enganada pelo demônio e que devia tratar de sair daquela vida, que tudo não passava de ilusões.

Uma das maiores dificuldades que a difusão da devoção ao Sagrado Coração encontra é que Nosso Senhor havia se dignado servir-Se de uma humilde religiosa da Visitação para ordenar, a primeira sexta-feira do mês, essa festividade, essa consagração, etc.

No entanto, no Antigo e Novo Testamentos estas relações inefáveis de Deus com certos homens, são relatadas com frequência... É verdade que é preciso cuidado em ser demasiado crédulo. São Pedro, em sua segunda Carta, depois de haver recordado a visão do monte Tabor, dá a grande regra que nos deve orientar ante todo evento maravilhoso: “*Sed habemos firmiorem propheticum sermonem*”. Ou seja, ante toda revelação privada tenhamos a Santa Igreja hierárquica oficial, o depósito da fé. Eis aí o grande sinal para examinar se uma visão é de Deus ou não. Mas, cuidado! Quando a paixão se mistura, muitos querem fazer crer que a autêntica hierarquia é que está falando, enquanto, na verdade pode tratar-se de um detentor de uma parte da hierarquia, mas que se colocou além de suas atribuições.

O papa, falando *ex cathedra*, é infalível. Um bispo, exercendo em sua diocese o papel da hierarquia, não é necessariamente infalível.

Um bispo pode apoiar-se nas leis territoriais e deve ser obedecido (ao menos suas congregações). Enquanto aos estrangeiros, o Direito Canônico especifica que em alguns casos os estrangeiros de passagem estão obrigados em consciência a obedecer estas leis, em outros casos, não. Mas um bispo não pode falar *ex cathedra* (se não há nada contra a Fé ou aos bons costumes) sobre a realidade de um favor divino particular, de uma visão, etc. O Santo Ofício, que condenou Padre Pio em duas ocasiões, autorizou agora a causa de sua beatificação.

Dito de outra maneira: a verdadeira obediência e a regra da Fé são uma regra dupla para julgar a falsidade de uma visão (é preciso meditar sobre isso). Enquanto a autenticidade da graça milagrosa

pessoal, muitas vezes é impossível ter a certeza. E a Santa Igreja que se pronuncia a favor dos atos públicos de devoção, peregrinações, etc., evita pronunciar-se sobre a Fé.

Em mística não se podem dar regras gerais. Deus é o mestre! Ele opera conforme Lhe apraz. As regras para o discernimento dos espíritos de Santo Inácio nos ajudarão a atuar prudentemente em todos os casos (sejam ascéticos, místicos ordinários ou místicos milagrosos).

Primeira Regra, N.º 329

329. É próprio de Deus e os seus anjos dar verdadeira alegria e gozo espiritual, tirando toda tristeza e perturbação induzidas pelo inimigo. É próprio do mau espírito combater essa alegria com razões aparentes, sutilezas e frequentes ilusões.

São Paulo (Gálatas V, 22) nos indica os frutos do Espírito Santo (12 na Vulgata e 9 no texto grego): acima de tudo, a paz, a alegria.

Deus e seus anjos dão paz a alma, a alegria (se bem que Santo Inácio especifica a verdadeira alegria); o verdadeiro gozo espiritual deve distinguir-se dessa alegria turva, dissipada e dissipante, por exemplo, a daqueles que dizem: *a religião cristã é a religião da alegria, portanto, vivam os bailes! Viva a dissipação! A promiscuidade!, etc.* Cuidado, não se confundam. Isso não é a verdadeira alegria. O demônio, depois que se introduz, esforça-se (não acerta em todas as ocasiões, especialmente se a alma está toda entregue ao Espírito Santo) por afastar a paz, esta alegria; tenta perturbar esta alma, torna-a triste... porque ele mesmo é eternamente triste. E esta é uma maneira de discernir que ele se aproxima, quando se sente invadido pela tristeza. Então, como é que se introduz? Nisso é importante prestar atenção.

“Pelas razões aparentes”. Estas não são verdadeiras razões. Muitos se deixam pescar, mas isso não prova nada. Justamente um dos problemas atuais que preocupa a Igreja e que arroja a nossa sociedade na maior das confusões jamais contada no transcurso dos séculos, é o jogo destas razões aparentes que perturbam a tantos bons cristãos preocupados em ser fiéis a seu dever. Estas confusões lhes impedem, por exemplo, refutar o catecismo herético que alguns querem impor à Santa Igreja e que a mesma Santa Igreja já condenou em múltiplas ocasiões. Sob o bom pretexto de adaptar o método de ensinamento (o qual está bem), também sob o pretexto de que uma comissão ou subcomissão agora publicou (comissões que não estão controladas), faz-se crer aos bispos mesmos que, dado que forma parte da colegialidade devem eles aceitar e publicar o que foi ditado pela subcomissão. Depois, faz-se as pessoas acreditarem que estão obrigadas a aceitar, sob a pena de desobediência, aquilo que o bispo acaba de publicar.

Insinua-se (e alguns se atrevem a dizê-lo) que o Concílio tinha a atribuição de mudar a Fé por uma doutrina claramente modernista. Chega-se até a ameaçar as livrarias caso se atrevam a vender os catecismos de antes. Dizem que eles expressam um autoritarismo nazi-eclesiástico contrário à justiça e um grave abuso de autoridade.

E assim se faz o jogo. Se não, discutam-no.

Se um bispo ordenara (isto a Deus não agrada) que se oculte aos cristãos em idade de raciocinar, as verdades referidas à necessidade dos meios de salvação, ditas ordens seriam nulas. E não somente muitos bispos não obrigam a que se ignore ou omita isto, mas que eles mesmos nos dizem que o novo catecismo foi publicado contra sua vontade por surpresa.

E as subcomissões que tentaram nos impor dão-nos uns raciocínios que seriam exatos:

1. Que foram os bispos que determinaram (muitas vezes não é o caso).
2. Que se trata de ordens que eles tinham o direito de promulgar.

Eis aí a mistificação!

— *Você não quer receber a comunhão na mão?... Atreve-se a desaprová-lo? Então, você está contra o bispo...*

— *Mas meu bispo me disse que se oporia a que se desse a comunhão na mão. E o Santo Padre tem feito ver que a maioria dos bispos estavam contra ele. E a autorização era para os lugares onde o uso já estava estabelecido e aqui o uso não era receber a comunhão na mão. É certo que, de repente, os inovadores põem em marcha todos os motores; meu bispo foi advertido que não deveria estar contra a colegialidade. E ele fez publicar essa autorização.*

De imediato **foi** convertido em uma obrigação na qual, tanto religiosos como fiéis, obedeceram o que foi dito no Concílio. Inclusive há ameaças contra os párocos que “desobedeçam” ao bispo e ao Concílio... Tudo isso, é verdadeiramente de Deus?

Por que, a meu ver, isto não é de Deus.

Exemplo de um pároco de um vilarejo muito estrito e enganado por uma dessas mistificações da Ação Católica. Eu fora pregar ali um retiro. O pároco, do umbral do presbitério, me pergunta:

— *Padre, tenho um caso de consciência. A Fede (Federação da juventude católica) deu a ordem de se infiltrar nos bailes e eu, pois, obedeci. Se não? Tinha que obedecer, gostasse ou não. Mas me encontro muito preocupado pois desde então meus jovens tomaram o gosto pelo baile; um deles se filiou à célula comunista do povo, e os outros já não comungam mais aos domingos de manhã... O que o senhor pensa disso, Padre?*

Respondi-lhe:

— Você não obedeceu, senhor cura. Quem manda aqui?... Antes de alguém está o bispo. No entanto, o bispo desta diocese a cada ano, na semana religiosa, proíbe oficialmente que os jovens frequentem bailes. E este ano ele proibiu em duas ocasiões.

Razões aparentes: *Senhor cura, a estes jovens não poderia vê-los na saída da missa? Em um café? Ou em casa deles ou em suas tarefas, etc.? O senhor acredita que o momento verdadeiramente propício para convertê-los seja, necessariamente, quando tem uma garota em seus braços?*

Retrocesso: *Observe, já há um ano que se filiou à célula comunista. Já não comungam, já não sentem desejos de comungar, agora gostam de baile. Quantas **razões aparentes!** Quantas **sutilezas!** Quantas **ilusões momentâneas!** O pescador que se deixa comer pelos peixes... O senhor conhece a história.*

Segunda Regra, N.º 330

330. Somente Deus pode atuar na pessoa humana sem nenhum sentimento ou pensamento prévio, isto é, sem causa precedente. Se, pois, percebo em mim uma consolação sem causa precedente esta não poderá ser uma consolação enganosa sob aparência de bem. Posso acolher os pensamentos que dela brotam como atrações e moções vindas de Deus.

Vejam vocês, somente Deus pode fazer milagres... verdadeiros milagres, sem causa precedente. Somente Deus pode criar, ou seja, fazer algo do nada. Somente Deus pode dar ou tirar a vida. Cada vez que os Espíritos, os anjos ou demônio, fazem algo, não podem criar; não podem fazer algo do nada. Falta-lhes algo, e não seria um raio de sol. É preciso saber que os demônios podem realizar certos milagres secundários que, a bem da verdade, não são verdadeiros milares. São para nós milagres relativos. Nesse sentido são

mais inteligentes que nós, mais poderosos que nós, mas um verdadeiro milagre, sem valer-se de nada, somente Deus pode fazê-lo.

Por exemplo, somente Deus pode ressuscitar um morto, verdadeiramente morto. Mas a um faquir que não está morto, o demônio poderá mantê-lo vivo durante um ano em um ataúde, como morto, e trazê-lo de novo à vida. Mas se o faquir estivesse verdadeiramente morto, o demônio não poderia trazê-lo à vida. É também o caso de alguns grandes milagres feitos à distância, sem utilizar algum objeto prévio: somente Deus pode fazê-los. Por exemplo, fazer ver sem ter antes o sentido da vista, ressuscitar uma criança mutilada e despedaçada por uma estalageira louca, por meio de São Vicente de Ferrer. Somente Deus pode fazê-lo. Mas elevar Simão o Mago a trezentos metros, se nós não podemos fazê-lo, os espíritos que não estão sujeitos à lei da gravidade, eles sim podem fazê-lo. Este feito vem dos tempos de São Pedro e o papa São Clemente nos relata. São Pedro havia enviado um jovem clérigo, que depois seria seu primeiro sucessor, São Lino, segundo papa, para que fosse testemunha da Fé. Simão, o Mago, para torná-lo contra São Pedro, anunciou que em tal dia, a tal hora, elevar-se-ia ao céu em certo lugar público. O lugar estava cheio de gente. Simão chega e flutua no ar a uma altura de trezentos metros. Milagre! No entanto, veremos que o demônio não pode fazer milagres sem que Deus o permita. Ao chegar aos trezentos metros, Deus ordena ao demônio que o deixe e Simão cai e se despedaça ante a surpresa de todos.

Mais adiante falaremos de Magdalena da Cruz, de Córdoba. Ela anunciou que o rei da França, Francisco I, tinha sido vencido e era prisioneiro dos soldados espanhóis em Pavia. Os demônios podem, num abrir e fechar de olhos, ir de Pavia a Córdoba.

Acredita-se que os prodígios do demônio, que não são realmente milagres, apresentam quatro sinais. É importante conhecê-los para evitar dissabores com pseudomilagres.

1. Os demônios não podem fazer verdadeiros milagres; apenas podem efetuar milagres no sentido de que são mais fortes do que nós.
2. Esses milagres não são para o bem, por exemplo, as bruxas que extraem o leite das vacas, etc.
3. Geralmente estes pseudomilagres são a favor de uma doutrina equivocada, por exemplo, Apolônio de Tiana que fazia dançar estátuas, magos voarem, etc.
4. Os demônios não podem fazer nada sem a permissão de Deus. E nem um minuto mais. Deus ordena ao demônio que solte Simão, o Mago, e este cai ante a multidão assombrada em vê-lo elevar-se ao céu e mais assombrada, contudo, ao vê-lo cair.

Por que Deus permite estes pseudomilagres do demônio? Para castigar aqueles que não querem aceitar os verdadeiros milagres e que, pelo contrário, movem-se ante o encantamento de uma bruxa. ***“Perdam sapientiam sapientium et prudentiam prudentium reprobabo”***. É preciso saber: *“Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a prudência dos prudentes”* (ICor., 1,14).

Os demônios podem fazer que surjam falsos estigmas, podem criar suor de sangue, levar a hóstia da mão do sacerdote à língua de uma visionária. Essas coisas o demônio pode fazer, mas por outro lado, também o podem fazer os anjos bons. Como disse São João (IJo, IV,1): *“Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus”*. Os demônios também podem atuar sobre as faculdades sensíveis, mas não podem entrar em nossa alma e fazer com que esta diga que sim. Que bom é Deus por ter salvaguardado a cidadela de nossas almas! O demônio não pode saber o que pensamos a menos que o façamos saber. Não pode nos fazer dizer que sim; estamos em liberdade de fazê-lo.

E se Deus permite que o demônio possua alguém, de que tome, por assim dizer, os controles de direção de uma pessoa, o

demônio não pode obrigar a esta pessoa a consentir. Essa é a razão pela qual as obsessões em que o demônio incita ao mal a partir de fora, em ocasiões de maneira prodigiosa, são mais terríveis que a possessão em que a alma é testemunha do que o demônio opera sobre suas faculdades. Neste último caso a alma não é responsável, pois são os demônios que atuam.

“Sem causa precedente”

Por exemplo: a bem-aventurada Ana Maria Taïgi, estando em sua cozinha, recebeu de repente luzes da Santíssima Trindade; foi procurar seu confessor e lhe contou todas as revelações que tinha recebido. Seu confessor lhe perguntou:

— *Lestes algum livro sobre a Santíssima Trindade?... Assististes alguma prática?... Passaste diante de alguma igreja?*

— *Definitivamente, não.*

Não existem precedentes: é de Deus!

Terceira Regra, N.º 331

331. Com causa precedente tanto o bom anjo quanto o mau anjo podem consolar, mas para fins opostos: o bom anjo para proveito da alma, para que cresça e suba de bem para melhor; e o mal anjo para o contrário, e posteriormente, para induzÍ-la à sua intenção danosa e malícia.

A princípio, não se vê quem é que empurra. Mas pelos frutos se conhece a árvore. Não esquecer o princípio: o demônio, finalmente, quer conduzir-nos ao mal, embora a princípio nos conduza ao bem, é por isso que se diz: *“O melhor às vezes é inimigo do bom”*.

O bom Espírito, pelo contrário, não deseja senão unicamente o bem. Pelo que se deve observar atentamente, de perto, e durante algum tempo.

Quarta Regra, N.º 332

Esta é a conduta habitual que segue o demônio quando deseja enganar a uma alma fervorosa... não lhe propõe que faça o mal, pois ela reagiria... propõe-lhe que faça o bem. Mas não importa qual bem, não, senão um bem que se acomode a seus gostos. Não desagrada fazer aquilo que se sabe fazer. Mas logo, pouco a pouco, induz a alma a que se desvie.

332. É próprio do anjo mau, que se transforme sob aparência de anjo de luz, entrar com a alma devota, e sair consigo; a saber, trazer pensamentos bons e santos conforme as disposições de tal alma justa, mas depois, pouco a pouco, procurar impelir essa alma a seus enganos ocultos e perversas intenções.

Por exemplo, o demônio procura pleito com um sacerdote fervoroso: *“Perdes demasiado tempo com a contemplação, as almas esperam por ti”*. E faz que falte a oração.

Ou durante a oração, a um padre que se dá por poeta, inspirá-lo formosas rimas para compor formosíssimos cantos à Santíssima Virgem. A um matemático não lhe inspira rimas, enviará problemas inteligentíssimos que fariam Einstein empalidecer. A um apóstolo distrai com planos maravilhosos de conferências para converter multidões, etc.

O demônio conseguiu enganar muitas vezes ao Cura d’Ars. Que fariam vocês se quisessem enganar o Cura d’Ars? Provavelmente lhe teriam proposto um pecado. Mas pensem, o Cura d’Ars o teria rechaçado, não tinha pecado. O demônio é muito esperto para fazer

isso. Observa de perto as virtudes do Cura d'Ars, seu ódio ao pecado, seu amor à penitência, seu amor à oração. E assim, por isso, coloca-o entre os olhos:

— *Vá à Trapa chorar teus pecados. Vá fazer grandes penitências, vá levar uma vida contemplativa...*

E o Cura d'Ars se deixou enganar. E foi enganado pelo menos em duas ocasiões.

Quinta Regra, N.º 333

Esta é a regra de ouro que permite descobrir onde o demônio anda metendo o nariz:

333. Deve-se atender, pois, ao curso dos pensamentos: se o começo da consolação, o meio e o fim são bons, é sinal que é uma consolação do bom espírito; se o desenrolar da consolação, o seu meio e o fim, leva para algo menos bom do que estava antes, ou perturba, ou inquieta é sinal que se trata de uma consolação enganosa que provém do mau espírito, inimigo de nossos benefícios e salvação eterna.

É preciso ver duas coisas em sua totalidade. A intenção e o fim são visivelmente bons, mas não se deve chegar por isso à conclusão de que “é de Deus”. A coisa poderia vir também do demônio, sobretudo se se trata de graças aparentemente milagrosas. O demônio pode usar toda sua habilidade, que é grande, para nos enganar... e, além disso, em dois sentidos: para fazer-nos crer que tal mistificação provém de Deus, e fazer que pouco a pouco as almas muito valorosas caiam no desânimo ou em erro; ou para tratar de menosprezar uma verdadeira ação de Deus, de um verdadeiro santo... (se Deus assim o permite).

Esta regra tão delicada, mas segura, está baseada neste princípio moral: *“Bonum ex integro, malum ex quocumque defectu”*. Para que algo mereça o adjetivo de bom, é necessário que seja totalmente bom; para que seja mau, é suficientemente que tenha qualquer coisa de mal. Por exemplo, um pastel muito bom, um bom vinho, se lhes adiciona um pouco de estricnina ou ainda que sejam umas gotas de petróleo, já não merecem o epíteto de **bons**. Mas para que se diga que uma coisa é **má**, é suficiente que tenha algo mau, por exemplo, uma boa sopa que se queimou, uma formosa prenda de seda sobre a qual tenha caído algumas gotas de azeite (pelo menos enquanto não se retire esta mancha de azeite, a prenda não poderá ser usada). Um bom vinho de Sauternes que tenha sido posto em um tambor de gasolina daria como resultado algo desastroso, etc. Portanto, escutemos Santo Inácio quando diz que *se o princípio e a metade são bons, não se pode concluir que o fim seja igualmente bom*. Cuidado! E Santo Inácio dá uma norma específica para não deixar-se enganar: *Se tudo é bom, então é de Deus*. Assim também será se na sequência de pensamentos que se apresentam, se se encontra algo mal, por exemplo, no caso do cura aqui tratado, em que um dos dois jovens se filiou ao partido comunista. Por haver sido aconselhado que se infiltrassem nos bailes, embora com boa intenção, é mal ao menos dissipante (pois tomaram gosto em ir a baile) ou menos bom que o que se havia proposto fazer (agora não iam mais comungar), tudo isso não é de Deus.

Santo Inácio aprofunda ainda mais nos sinais que são mais difíceis de discernir. Se estes debilitam nossa alma, a inquieta, a perturbam, tiram a paz... a tranquilidade de que goza antes, é um sinal evidente de que procedem do espírito mal.

Em Paris, Santo Inácio teve o seguinte pensamento: *“Tu, que desejas fundar uma ordem influente em pessoas de liderança em pleno século humanista, debes trabalhar para tornar-te um exímio latinista”*. Até aqui nada que censurar. *“E depois, também, compra e lê a obra do canonista*

Erasmus, reconhecido por todos". Inácio queria a todo custo ler esta obra e comprou o livro "**De miles Christi**". Diariamente lia várias páginas. Tratava-se, com efeito, de um latim muito bem escrito... mas depois de algum tempo se deu conta de que após cada leitura de Erasmo já não tinha o fervor, a compunção habitual. Fez várias refutações e terminou por renunciar a Erasmo. Não foi senão muitos anos depois que se deu conta do mal que havia ocasionado à juventude esse paradoxal escritor e que o livro fora proibido. Inácio compreendeu isso apenas ao dar-se conta de que estava perdendo a tranquilidade.

Digamos algo sobre Magdalena da Cruz, que no princípio do século de Santa Teresa fascinou toda a Espanha quando a hóstia se elevava desde a mão do sacerdote para pousar na boca dela. Também, em certos dias, apareciam-lhe estigmas, tinha suôres de sangue e anunciou que Francisco I tinha sido derrotado em Pavía e era prisioneiro dos soldados espanhóis (naquela época não existia o telégrafo). Daí o entusiasmo das pessoas, curas, bispos, imperador, imperatriz, todo o mundo a venerava e ia consultá-la.

Um visitante apostólico enviado por Roma que entrou no claustro foi surpreendido por pequenas ninharias. Fez que cada uma das irmãs falasse, sobretudo, a madre abadessa, Magdalena da Cruz, que terminou por lhe confessar que quando era uma jovem pastora havia entregue sua alma ao demônio em troca de que este lhe permitisse realizar prodígios. E a coisa durava ainda depois de trinta anos. É preciso assinalar que estes pseudomilagres não são prodígios senão para nos enganar. Um demônio pode muito bem trasladar a hóstia ou ir e vir, em um abrir e cerrar de olhos, de Pávia a Córdoba ou fazer que alguém se eleve pelos ares, ou que exude sangue, etc.

O mesmo aconteceu anos mais tarde em Paris. Uma jovem servente, chamada Nicole Tavernier, realizava "milagres", digamos melhor prodígios. A hóstia se transportava por si mesma; adivinhava coisas que se passavam à distância. De Paris podia se transportar a Tours e logo, duas horas depois, estar de novo em Paris. Todo o

mundo a procurava e ela, com muita audácia, fez que o bispo de Paris desse uma ordem para realizar uma procissão pública (na qual tomou parte o Parlamento francês). Junto dela ia uma verdadeira santa, Mme. Accarie (convertida mais tarde na bem-aventurada Maria da Encarnação, da ordem carmelita) que dizia: “*Não, isto não é de Deus*”. E tinha razão. Nicole terminou de maneira lamentável e se converteu em uma huguenote. Mme. Accarie, com efeito, havia lhe surpreendido em flagrante delito de embuste e complacência de si mesma. Foi suficiente.

Nesse mesmo século, em Roma, houve uma religiosa tida como santa e que fazia prodígios. Mesmos os cardeais não estavam seguros sobre a origem daqueles feitos extraordinários. Rogaram, pois, a São Felipe de Néri que a fosse ver.

Felipe foi ao convento, bateu à porta, e disse abruptamente:

— *Perdão, irmã, venho ver a santa.*

E a outra disse, feliz:

— *Sou eu!*

Foi o suficiente. Felipe regressou seguro da “santidade” e da origem dos prodígios da “santa” religiosa.

Portanto, cuidado!

O Padre Ibañez, dominicano, em seu estudo sobre Santa Teresa D’Avila, dizia: Estas graças “*gratis datae*” de visões, revelações, são dadas para a santificação do próximo. Por conseguinte, se os que se encontram próximos em vez de se santificarem se tornarem desobedientes, orgulhosos, rebeldes, etc., isso é sinal de que os feitos milagrosos não vêm de Deus.

“*Pelos frutos se conhece a árvore*”. Mas ainda nisso há que tomar cuidado. É preciso observar as coisas de perto.

Um monje veio a mim dizendo que ele desejava entrar para a ordem dos cartuxos. Havia pedido permissão a seu abade de ingressar mas não falara anteriormente com seu confessor, apenas depois. Este sinal, por si só, era a evidência de que era o demônio quem o queria com os cartuxos: o fato de não ter falado com seu confessor, senão depois de já haver tomado sua atitude, era a prova disso.

Sexta Regra, N.º 334

334. Quando a presença do inimigo da natureza humana for sentida e conhecida sua cauda serpentina e o mal fim a que induz, a pessoa que foi tentada por ele fará bom proveito se logo prestar atenção na cadeia de bons pensamentos que teve, e o princípio deles, e como pouco a pouco procurou fazê-lo descer da suavidade e gozo espiritual em que estava, para trazê-la à sua intenção depravada; para que com tal experiência conhecida e notada, guardar-se diante futuros enganos usuais.

Daí a necessidade de examinar-se. São Bento disse a seus monges: *“Examinai cada uma de vossas ações”*. Santo Inácio nos disse: *“... de sua cauda serpentina...”* A serpente, se vocês são observadores, oculta-se na folhagem, não é vista. E aquele que duvide que haja ali uma serpente oculta, que observe com atenção. A serpente se oculta muito habilmente, mas não se dá conta de que o extremo de sua cauda pode ser vista. Por ela poderá ser vista e aniquilada. De igual modo o demônio poderá nos enganar mas não nos atemorizemos. Não é senão depois, quando já é tarde, quando descobrimos que fomos enganados; por isso é preciso fazer um cuidadoso exame: como se meteu o demônio? De início, pode ser no instante em que você estava cansado, ou pelo contrário, entusiasmado, motivado. Que propôs o demônio ao Cura D’Ars? Afastar-se do horror do pecado, ingressar na vida

contemplativa, reduzir o trabalho ordinário de um pároco, etc. Vejam bem os sofismas com os quais ele tem enganado vocês, os erros que vocês têm cometido, se abandonaram a oração, as leituras espirituais, se perdem tempo lendo periódicos, revistas... Se descuidam seus exames de consciência, se tomaram alguma advertência mas não prestaram atenção; se não confessaram certa relação, certas imprudências a seu diretor espiritual, etc. Assim, pouco a pouco, o demônio os faz perder seu fervor inicial... Ganharam muito em experiência, e força para a batalha no conhecimento de vocês mesmos se lograram saber como sair das armadilhas em que o demônio os têm metido. Uma vez que, geralmente, o demônio se repete, ele tentará fazê-los cair em raciocínios em que haviam caído anteriormente. Observem, examinem o desenvolvimento dos bons pensamentos, aí encontramos um método muito valioso para fazer exame.

Sétima Regra, N.º 335

335. Nas pessoas que procedem de bem a melhor, o bom anjo toca a tal alma doce, leve e suavemente, como gota de água que entra em uma esponja; e o mal toca com dureza, com ruído e inquietude, como quando agora cai sobre a pedra; e naqueles que procedem de mal a pior, os sobreditos espíritos tocam de modo contrário; cuja causa é a disposição das pessoas ser contrária ou semelhante aos referidos anjos; porque quando é contrária entram com barulho, perceptivelmente, e quando é semelhante entram silenciosamente como pela porta aberta.

Esta regra é muito apreciada e pode trazer grandes luzes não somente para o combate individual, mas também para a luta geral das duas bandeiras. Sardá e Salvany em sua obra *“O liberalismo é pecado”*, a oferece para ver com maior clareza os acontecimentos do que pouco

se sabe. A regra se baseia no seguinte princípio: aborrecem-nos os princípios ou ideias contrárias; inversamente, os pensamentos que nos são afins nos parecem bons e naturais, normais. Por exemplo, se um cura progressista lê uma encíclica e recorda as verdades da Fé, sente-se agredido. *“Com este papa a teologia não pode avançar, etc”*. Ao contrário, se lê um artigo progressista, modernizante, que elogia aos sacerdotes que protestam, então ele os aprova: *“Eis aqui alguém que anda bem, isto deve ser difundido...”* Com frequência vemos camponeses, bons fiéis, que trazem em suas mãos um artigo que os ofendeu. Não conseguem ver a maldade que há nele, mas é um artigo progressista e isso lhes aborrece. O mesmo se dá nos retiros quando pregamos sobre o inferno e, sabendo o bem que estes pensamentos fazem aos pecadores, eles nos dão sua aprovação assentindo com movimentos de cabeça. Pode-se ver muito bem qual corrente arrasta ao cura que mencionamos primeiro e qual espírito move aos segundos. O mesmo que se propõe falar de um movimento que se acredita, por exemplo, Rearmamento Moral, ou de tal ou qual partido político, etc.

Dizem-se maravilhas mas, que é o que verdadeiramente se diz? Quem diz? Quem são os partidários? Onde estão os frutos sobrenaturais de humildade, fé e obediência? Que pensam os seculares? E que pensam os homens de Deus? E sem haver estudado esses movimentos vocês podem saber se vêm de Deus ou se são do demônio. Esta regra pode lhes arrojar muita luz sobre os movimentos que não conhecem. Assim como o Espírito Santo impele à paz, à alegria espiritual, à caridade, à castidade, à mansidão, à humildade, etc., o que impulsiona em sentido contrário não será do Espírito Santo. Uma menina cristã, virgem, na atualidade possui as mesmas reações que uma donzela cristã dos primeiros séculos. E naqueles que em maior ou menor grau se encontram seduzidos pelo erro, por exemplo, os católicos de esquerda que os aprovam, advinha-se o espírito que os move. O mesmo sucede com um ultracatólico que trata ao papa de herege, não poderá dizer-se que é o Espírito Santo quem o move, ainda quando por outro lado ele seja piedoso e diga

coisas belas e inclusive faça milagres. A ele não moveria o Espírito Santo.

Oitava Regra, N.º 336

Cuidado! Se bem o princípio pode ser Deus o que move, no decorrer pode muito bem infiltrar-se o demônio. É o caso das aparições verdadeiras onde o demônio pode apresentar-se para tratar de desfigurá-las. Por exemplo, Santo Inácio em sua famosa visão da Santíssima Trindade, às margens do rio Cardoner, em Manresa. Alguns dias depois ali mesmo lhe aparece Nosso Senhor. Santo Inácio, perturbado, surpreende-se e se pergunta porque Nosso Senhor Se apresenta assim. Fez o sinal da cruz e imediatamente desaparece aquele que representava Nosso Senhor, transformando-se em serpente e desaparece deixando atrás de si um odor nauseabundo. Um homem pode ter graças místicas extraordinárias e, por outro lado, deixar-se atrair pelo demônio. *“Ainda esta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três vezes”*. Não obstante, São Pedro já tinha favores místicos extraordinários e, no entanto, depois deixou-se enganar pelo demônio (Caná, a pesca milagrosa, *tu es Christus Filius Dei vivi!*). Assim, pois, senhores, cuidado!

336. Quando a consolação é sem causa, dado que nela não há engano por ser só de Deus Nosso Senhor, como está dito, mas a pessoa espiritual, a quem Deus dá tal consolação, deve, com muita vigilância e atenção, olhar e discernir o próprio tempo da atual consolação, do tempo seguinte em que a alma permanece afervorada, e favorecida com o fervor e os vestígios da consolação passada; porque muitas vezes por efeito dos próprios hábitos e em consequência de suas ideias e juízos, ou pelo bom espírito ou pelo mal forma diversos propósitos e

pareceres, que não são dados imediatamente de Deus Nosso Senhor; e portanto há necessidade de ser muito bem examinados, antes que se lhes dê inteiro crédito ou os ponham em prática.

Portanto, é preciso muito cuidado. Todos os famosos ascéticos, **a fortiori** místicos, devem ser examinados com o maior cuidado. Em particular nos casos de revelações e visões, é necessário distinguir muito bem o que procede de Deus, reações, raciocínios e conclusões que tiraram delas, seja pela própria pessoa que as experimenta ou pelos testemunhos ou examinadores, e, sobretudo, pelos seguidores mais ou menos entusiasmados.

Essa é a razão pela qual ante a presença de toda visão ou revelação privadas, de origem sobrenatural ou divina, devem-se recordar as palavras de São Pedro depois de seu relato sobre a Transfiguração: ***“Sed habemus firmiorem propheticum sermonem”***.

“Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas”, a da Revelação, a palavra oficial da Igreja. Humildade: ***“Vigilate et orate, ne intretis in tentationem”, “spiritus probate...”*** *“Vigiai e orai, para que não caiais em tentação”, “Examinai os espíritos”,* como diz São João.

“Vós os conhecereis por seus frutos, disse Nosso Senhor, acaso se recolhem uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?” (Mt., VII, 16). Invoquemos Nossa Senhora do Bom Conselho e imitemos, sobretudo, a Virgem prudentíssima quando pergunta ao arcanjo Gabriel: *“Como se dará isso, pois não conheço varão?”* Vê-se claramente que a Virgem Maria estava acostumada a ser tentada sob a aparência de bem, mas que se comportava com toda prudência, como esposa do Espírito Santo. Invoquemos a São José, guardião vigilante da Igreja universal e seu protetor. Invoquemos aos grandes arcanjos, São Miguel, São Gabriel, São Rafael e aos Espíritos celestes encarregados de nosso cuidado e de nossas instituições.

IV. SANTA TERESA D'ÁVILA

Relatório do Padre Ibañez O.P.

Permitam-me acrescentar aqui um relatório muito importante, feito por um sábio teólogo dominicano, que em vida da mesma Santa Teresa teve o valor (ele foi o único, talvez algum outro tenha defendido) de defender Santa Teresa. Todos os grandes teólogos de Ávila se reuniram, e todos concluíram que Teresa d'Ávila tinha sido enganada pelo demônio, e o Padre Ibañez deu regras para saber se a Teresa d'Ávila era movida pelo demônio ou pelo Espírito de Deus. Concluiu, vitoriosamente, que era o Espírito de Deus quem a movia. O Padre morreu dois anos depois. Santa Teresa, a quem ele tanto havia animado na reforma do Carmelo, teve a graça de vê-lo entrar no Céu sem passar pelo Purgatório.

Estas regras não são para o discernimento dos espíritos da primeira semana. Aplicam-se às regras que Santo Inácio dá para a segunda semana: regras para casos superiores, os casos místicos, especialmente.

O Padre Ibañez, O.P., era professor de teologia em Ávila. Santa Teresa o consultou sobre o projeto de sua reforma do Carmelo. Ela o elogia em *O Livro da Vida*, escrito pela própria Santa Teresa, no capítulo 33.

Ele fez seu relatório para demonstrar em uma reunião de pessoas dotas que Teresa era guiada por Deus. Esta aconteceu vinte

anos antes da morte de Teresa. É talvez o memorial mais importante em favor da santidade da reformadora do Carmelo. Poderá nos servir de ajuda para contestar hoje em dia as perguntas que todos nós fazemos sobre as visões e aparições, algumas das quais são certamente falsas e algumas certamente verdadeiras, enquanto que outras podem se classificar como duvidosas.

Sintetizo o Padre Ibañez:

Como se conhece aqueles que têm visões e revelações verdadeiramente de Deus?

Como descobrir que há ilusão, seja por nossa parte, seja pela parte de outros?

Em casa, desde menina, Teresa falava do Céu e da imensa alegria reservada aos bons e dos terríveis tormentos que aguardavam os maus. Falava dos mártires e sentiu o desejo de ir às terras dos mouros. Aos dezenove anos, a exemplo de uma santa religiosa decidiu entrar no Carmelo da Encarnação. Aos vinte e um anos ali ingressou. Teresa estava cheia de bons desejos misturados com muitos obstáculos. Não podia consagrar-se à oração por completo. Alguns desses obstáculos eram tanto para seu avanço espiritual como para sua salvação e consistiam em distrair-se com amizades e frequentar pessoas que não estavam totalmente entregues a Deus. Um dia, consagrou-se plenamente ao exercício da oração, a muita penitência e jejuns, assim como à obediência absoluta a seu confessor. Ela foi então objeto de favores muito especiais. Parecia-lhe que o Senhor lhe falava, ensinava-lhe muitas verdades sobre os ministérios ocultos, sobre sucessos futuros relacionados com heresias que assolavam a França, sobre certas obras que ela deveria levar a efeito. Tinha um grande temor de ser enganada pelo demônio como castigo por seus pecados.

O exemplo de Magdalena da Cruz, que havia dado o que falar em toda Espanha alguns anos antes, enchia de temor os confessores, pois acreditavam que Santa Teresa pudesse também estar enganada

pelo demônio. Magdalena da Cruz era uma jovem pastora que vendera sua alma ao diabo com a condição de que lhe permitisse realizar prodígios, e durante trinta anos os realizou. Todo o mundo comentava: os eclesiásticos, o imperador, o povo, etc. E assim todo o mundo dizia: “é uma grande santa!” As insídias do demônio foram descobertas mais tarde. Compreende-se porque ela realizava prodígios, mas não milagres.

Poder-se-á objetar, continua o Padre Ibañez, que com frequência os expertos são enganados. Os santos dizem que não se devem aceitar como verdadeiras senão muito poucas visões... Se estas são verdadeiras, trata-se de milagres. No entanto, para aceitar um fato como milagroso é preciso uma necessidade grave. Logo esta necessidade de confirmar a fé não se verificava no claustro... os santos não queriam que se fizessem públicos os favores particulares de Deus que eles recebiam, os mantinham ocultos. Todo isso pode ser uma ilusão e um embuste, não parece haver motivo para pensar de maneira distinta.

Gerson, o famoso Gerson, em tempos do concílio de Constanza, afirmava que Catarina de Siena não podia ter familiaridade com Deus. Escreveu contra ela e a condenou... Nós não lemos nada de alguém que tenha avançado no amor de Deus sem ter encontrado opositores que buscaram destruir-lhe a reputação... Alguns aconselham contra a verdade.

Assim, se esta serva de Deus é objeto de contradição, não é motivo para que um homem prudente trate como ilusões os favores que lhe outorga sua Divina Majestade. Isto é muito mais verdadeiro do que aqueles que, obstinados nesta maneira errônea de ver as coisas, jamais falaram com Teresa, mas de fato, formaram uma opinião para convencer ao vulgo. Certas coisas parecem más, mas se lhes acrescentam algumas circunstâncias, transformam-se em santíssimas e virtuosas; por exemplo, tomar os bens do próximo é um mal, mas se é para benefício do proprietário, digamos, para impedir-lhe que se

mate, é um bem. Também, crer facilmente nas visões não é judicioso, não é prudente, mas em certo caso particular poderá ser justo. Além disso, não se sabe de uma só época em que Nosso Senhor não tenha tido uma grande intimidade com certas almas; por exemplo, Abrão, os santos... Amós expõe as razões pelas quais Deus o enviou aos judeus. Mas enquanto dure o mundo, não faltarão nem profetas nem amigos dentro da Igreja. Ele oferece sua amizade a quem esteja preparado para Ele, seja em qual época for. Deus faz santos para o bem da Igreja, para o serviço de Sua Igreja e para aplacar a ira divina. Essas necessidades existem na atualidade.

Então, não há razão para se ofender quando um santo é assinalado por aqueles que o conhecem e com ele tem tratado. Quando existem dúvidas sobre se Deus é verdadeiramente o autor de uma revelação, **temos uma poderosíssima prova de que é verdadeira e que vem de Deus se sabemos que esta pessoa vive dentro de uma séria perfeição cristã.**

Na ciência dos sinais, através dos quais se reconhece se o espírito que parece bom procede verdadeiramente de Deus, é difícil precisar aqueles casos particulares; e muitos que sustentavam a doutrina necessária têm se enganado; por exemplo, Gerson, que foi quem mais trabalhou para suavizar este caminho que veio a favorecer as visões de Santa Catarina de Siena com razões humanas insuficientes porque, em primeiro lugar, havia muitas coisas que ele ignorava; em segundo lugar, porque Deus opera em seus santos coisas que ultrapassam a razão natural.

Vejamos alguns indicadores:

Examinar os efeitos e os frutos, assim como um médico observa o mal invisível através dos resultados, de igual modo a saúde de uma alma se reconhece por suas obras e pela beleza de sua vida.

“A fructivus eorum cognoscetis eos”, disse Jesus. “Por seus frutos os reconheceréis” (Mt., VII, 16).

Estas revelações ou visões são boas e certas (vêm de Deus) ou são más e enganosas (procedem do demônio). Quando existe dúvida, sabemos que vem de Deus se se encontra o selo de Deus. Sabemos que vem do demônio se se encontra a manha e a astúcia do demônio.

Damos as seguintes regras para estabelecer um bom discernimento:

1. Quando a pessoa que recebe essas revelações experimenta, durante o tempo em que é favorecida e depois, o desprezo dela mesma e reconhecendo suas culpas aceita ser mais débil e miserável que os outros, e é um sinal de que a revelação vem de Deus. Este sinal obra em todos os servidores de Deus e falta a todos os mistificadores a quem o demônio enganou. Por um lado, humildade e amor; por outro, orgulho e confusão. Vejam a Nossa Senhora, a Santa Isabel (por ocasião da Anunciação ou na Visitação).
2. Quando o sujeito em questão é transportado, ao receber as revelações, a causa do reconhecimento e de todo desapego. Se nesse momento ele se encontra no mundo, não falam com ele, não o estimam, o mantêm no esquecimento e o desprezam: este é um sinal evidente de que o que recebeu vem de Deus. Se esta visão suscita um espírito de independência e de se inclinar para que todos o vejam, admirem-no para mostrar quantos favores recebe de Deus, etc, sem lugar a dúvidas que se trata de uma ilusão. O amor, o espírito de Deus e a humildade fogem de tudo isso e buscam o desprezo do mundo. *“Meu segredo é para mim”*, dizia o profeta Isaías.
3. Ver se a pessoa se entrega ou não à oração. Se nas relações com o próximo observa um amor de Deus, não superficial. Uma pessoa que se entrega muito à oração e que persevera neste exercício jamais será enganada pelo demônio que, ao contrário, a pressiona para que abandone a oração.

4. Ver se esta pessoa tem grande cuidado em consultar com aqueles que têm a doutrina, sobretudo, se tem o cuidado de não ocultar nada a seu confessor; isto será um sinal certo de que não existe ilusão se ela faz o que se lhe aconselha. Deus não abandona aqueles que têm boa intenção. A confissão é um ato de humildade. Pelo que se esta pessoa não quer falar com algum versado nestas questões porque teme que não aprove tudo ou teme que se investigue a verdade, conclui-se que se trata de uma ilusão do demônio. Deus gera a humildade quando Ele vem às nossas almas. Descobrir nossas tentações e provas é um meio poderoso para vencer ao demônio.
5. Ater-se ao conselho daqueles que nos conhecem e a nossos confessores, a quem descobrimos nossa própria consciência. O auxílio da teologia somente não basta... se não se tem a experiência e se todos os confessores consultados não estão de acordo.
6. Ver se experimenta oposições e contradições sem haver feito nada por atrair estas provas; ver se esta pessoa tem oposições, digamos, de gente boa, providas também de muito fervor. Se apesar disto ela conserva a paciência consigo mesma, Deus vive e mora em seu coração. E, portanto, o demônio não pode enganá-la. Lembrem-se de Jó.
7. Outra prova (unicamente os confessores ou diretores espirituais têm esta faculdade de julgar), é se essa pessoa possui uma grande pureza de consciência e profunda virtude. Esta maneira de investigar as ilusões é segura e eficaz já que os favores de Deus são para aqueles que conservam uma alma pura e a salvo do pecado. *“Beati mundo corde”, “Bem-aventurados os puros de coração!”*
8. Ver o proveito que obtêm aqueles que tratam familiarmente com dita pessoa, pois as graças **gratis datae** são para o bem do próximo. Ver se todos aqueles que tratam com ela têm o espírito de Deus ou se, pelo contrário, o resultado é a

independência, o orgulho, a busca das satisfações. Este último não é de Deus é do demônio que se transfigura em “anjo de luz”.

9. Estar atentos ao que está sendo revelado. Se não quer dizer tudo aos que conhecem os fatos, se lhes foge, se os trata de ignorantes ou se diz coisas inúteis, só por curiosidade, ou que sejam pouco edificantes. Nestes dois casos, com toda certeza, trata-se de um espírito mau. Se, pelo contrário, relata simplesmente àqueles que podem julgar e compreender estas coisas, sem lhes ocultar nada, se em tudo é prudente e conforme os ensinamentos da Igreja, isso procede de Deus.
10. Se através de uma atenta observação não há nada que reprovar de sua companhia, de sua conversação na qual em tudo se manifesta uma virtude profunda, esta é uma razão evidente de que é sincera. Quando todos, e em especial os homens eclesiásticos, aprovam sua pessoa, isso vem de Deus.
11. Dar-se conta da atitude do demônio para com esta pessoa. Se aprova e manifesta sua satisfação, é um mal sinal; se o persegue, é um bom sinal. Aos bons se lhes mostra horrível; a seus amigos, que vivem da ilusão, se lhes mostra tranquilo.

Sem lugar a dúvidas às primeiras vezes não se reconhece com clareza se é de Deus; mas com o tempo pode-se chegar a saber.

Quanto a Teresa, ela não pensava senão em Deus e não se ocupava senão de Deus. Encaminhava tudo à glória de Deus e ao bem-estar espiritual das almas. Por nada do mundo haveria cometido um pecado venial, por pequeno que fosse. Toda sua ambição era aperfeiçoar-se dia a dia e crescer em virtude.

Uma dia, ela disse a Deus:

— *Senhor, não há ninguém, em particular gente de doutrina.*

Deus respondeu:

— Desde o momento em que as pessoas de doutrina não querem dispor-se a tratar comigo, eu venho com quem se encontra na necessidade e rechaçado por eles, busco as pobres mulheres, junto às quais encontro repouso e com elas trato as minhas coisas.

Depois, Jesus lhe disse:

— O demônio não pode dar este contentamento, esta alegria interior, nem este gozo espiritual. Tampouco o demônio poderia produzir este amor e este progresso na virtude. (Esta é uma citação de Teresa d'Ávila).

Continua o Padre Ibañez:

1. Não existiu nenhuma pessoa enganada pelo demônio que tenha tido tantas razões e provas para crer que era verdadeiramente Deus quem lhe dispensava os favores.
2. Os santos não ensinaram que não devemos por nenhum meio receber certas revelações, nem que não conheçamos certos personagens como a muitos santos. O que dizem é que não demos fé com tanta facilidade. Assim, quando se trata de coisas muito elevadas, não se deve julgar apressadamente.
3. Sua Majestade, desejando consolar seus fiéis servidores e, por meio deles, salvar outras almas, costuma sempre conceder favores extraordinários a certas pessoas. Logo, há muitíssimas razões para crer nesta religiosa favorecida por Deus e nenhuma para negar.
4. No início, ela revelou seus favores unicamente a seus confessores e aos que podiam esclarecer, com a recomendação de não dizer nada.
5. O padre ajudou na cura desesperada de um rim quando ela rezou para aliviar-se desta enfermidade. Em outra ocasião, no caso de um benfeitor que perdia a vista, Nosso Senhor lhe apareceu mostrando-lhe a chaga do lado e Teresa lhe disse que ela não poderia nada no que Ele não estivesse de acordo e de

repente o homem recuperou a vista. Santa Teresa efetuou numerosas curas de enfermos.

Estas páginas são um resumo do relatório que fez o Padre Ibañez. Rogo que me desculpem por não poder citá-lo em sua totalidade. Nelas se encontrará o essencial para discernir os carismas místicos (visões, êxtases, etc.) que podem apresentar uma pessoa, se vêm de Deus ou do demônio.

ÍNDICE

PRÓLOGO	4
I. REGRAS ELEMENTARES PARA O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS	8
II. REGRAS DA PRIMEIRA SEMANA	13
Primeira Regra, N.º 314	13
Segunda Regra, N.º 315	16
1. A tristeza	17
2. As tribulações de consciência	17
3. Os obstáculos	18
4. A perturbação	18
5. Os falsos raciocínios	19
6. O desânimo	20
Da consolação e desolação espirituais	21
Terceira Regra, N.º 316	21
Quarta Regra, N.º 317	23
A representação gráfica que fez São João da Cruz	25
Quinta Regra, N.º 318	27
Sexta Regra, N.º 319 - A regra de ouro da vida espiritual: o contra-ataque	28
Então, Como comportar-se nas tentações?	31
Sétima Regra, N.º 320	34
A tentação de Santa Catarina de Siena	34

Oitava Regra, N.º 321	35
Nona Regra, N.º 322 - Por que Deus permite as tentações?	36
1. Castigo	38
2. A desolação ou a tentação podem muito bem não ser um castigo, mas uma ocasião para praticar as virtudes heroicas	39
3. Uma lição	39
Décima e Décima Primeira Regras, N.º 323 e n.º 324	40
Décima Segunda Regra, N.º 325	42
Décima Terceira Regra, N.º 326	44
Décima Quarta Regra, N.º 237	49
 III. REGRAS DA SEGUNDA SEMANA	 52
Primeira Regra, N.º 329	55
Segunda Regra, N.º 330	58
Terceira Regra, N.º 331	61
Quarta Regra, N.º 332	62
Quinta Regra, N.º 333	63
Sexta Regra, N.º 334	67
Sétima Regra, N.º 335	68
Oitava Regra, N.º 336	69
IV. SANTA TERESA D'ÁVILA - Relatório do Padre Ibañez O.P.	70